

Emanuela da Costa Branquinho

A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.



Maio de 2013

Emanuela da Costa Branquinho

A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.

### **Relatório Final de Estágio**

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor João Paulo Balula

Mestre Maria Cristina Aguiar



## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Emanuela da Costa Branquinho, n.º 7690, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, declara sob compromisso de honra, que o Relatório Final de Estágio é inédito, foi especialmente escrito para este efeito e todas as fontes utilizadas encontram-se devidamente referenciadas.

Viseu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

---

## **Resumo**

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, apresenta-se o seguinte Relatório Final de Estágio. Desta forma, pretende-se evidenciar o percurso efetuado no decorrer do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como na Educação Pré-Escolar, que decorreu ao longo dos 2.º e 3.º semestres. No desenrolar do estágio efetuado no 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi possível perceber que as crianças demonstram uma grande empatia com a Expressão Musical, e que a mesma permite à criança, para além de um desenvolvimento de competências associadas a esta área, um grande contacto entre o próprio grupo que motiva para a interajuda e para a integração da criança.

Desta forma, executámos um estudo de caso à volta da prática musical e do seu contributo para a socialização/integração da criança no 1.º Ciclo do Ensino Básico, nas Atividades de Enriquecimento Curricular.

A recolha de dados do estudo realizou-se através do recurso à observação direta não participante e a entrevistas semiestruturadas. Os participantes do estudo foram uma turma do 4.º ano de escolaridade, o professor da Atividade de Enriquecimento Curricular de Música da mesma turma, bem como quatro professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo da investigação concluiu-se que a música é um fator que influencia a socialização/integração da criança. A informação recolhida mostra que o contacto das crianças com a música traz diversos benefícios e desenvolve capacidades, tanto sociais como de aprendizagem, importantes para a criança.

## **Palavras-Chave**

1. Expressão Musical
2. Socialização/Integração
3. Prática Musical Conjunta

## **Abstract**

The following document refers to the Internship Final Report and is presented within the Master's Degree in Early Childhood Education and Teaching in Primary Education. It is intended to demonstrate the accomplished course/path through the stages of the internship in the Basic Education as well as in Preschool Education, during the second and third Semesters.

Throughout the Internship carried out in the Basic Education it was possible to realize that children express a great empathy towards Musical Expression and that, in addition to developing skills related to this area, it allows the child a wider contact between the group itself, which encourages the mutual aid and the integration of the child.

Thus, we elaborated a study case regarding the instrumental practice and its contribution for the socialization/integration of the child in the Extra Curricular Activities, in Basic Education.

The study was based on data gathered through nonparticipating direct observation and semi structured interviews. The participants of the study were a 4<sup>th</sup> Grade class, the Extra Curricular Activities Music teacher and four teachers from Basic Education.

Throughout the enquiry/study it has been concluded that Music is an influential factor on the integration/socialization of the child. When children have contact with Music, it becomes clear that this brings multiple benefits and capabilities develops, both socially and learning, of utmost importance.

### **Keywords:**

1. Musical Expression
2. Socialization/Integration
3. Joint Instrumental Practice

## Índice

|   |           |
|---|-----------|
| Introdução Geral .....  | 1         |
| <b>PARTE I – REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS PRÁTICAS EM CONTEXTO .....</b>               | <b>3</b>  |
| Introdução .....  | 4         |
| <b>I. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada .....</b>                | <b>5</b>  |
| 1. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada II.....                       | 6         |
| 2. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada III.....                      | 8         |
| <b>II. Análise das práticas concretizadas nas PES II e III.....</b>                 | <b>11</b> |
| 1. Prática em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico .....                          | 11        |
| 2. Prática em contexto da Educação Pré-Escolar .....                                | 13        |
| <b>III. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ..</b> | <b>17</b> |
| 1. 1.º Ciclo do Ensino Básico .....   | 17        |
| 2. Educação Pré-Escolar .....   | 19        |
| <b>PARTE II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO .....</b>                                    | <b>22</b> |
| Introdução .....  | 23        |
| <b>I. Enquadramento Teórico.....</b>  | <b>25</b> |
| 1. A Música como forma de integração.....   | 25        |
| <b>II. Revisão da literatura.....</b>   | <b>27</b> |
| 1. Breve apontamento sobre o Ensino em Portugal .....                               | 27        |
| 2. A Educação Artística .....   | 29        |
| 2.1 A Atividade de Enriquecimento Curricular de Música.....                         | 30        |
| 2.2 A prática musical conjunta.....   | 32        |
| 3. Socialização/Integração da criança.....  | 33        |
| <b>III. Metodologia .....</b>   | <b>36</b> |
| 1. Plano de Investigação.....   | 36        |
| 2. Participantes do estudo.....   | 37        |
| 3. Técnicas e instrumentos de pesquisa .....  | 37        |
| <b>IV. Apresentação dos dados.....</b>  | <b>39</b> |
| 1. Análise da informação empírica .....   | 39        |
| 2. Recolha de dados.....  | 39        |
| 3. Análise e interpretação dos dados.....   | 41        |
| 3.1 Categorias de codificação .....   | 41        |

|   |           |
|---|-----------|
| 3.1.1. Reações Comportamentais .....              | 42        |
| 3.1.2. Prática Instrumental Conjunta .....        | 43        |
| 3.1.3. Socialização/Integração.....               | 43        |
| 3.1.4. Parecer dos professores do 1.º CEB .....   | 43        |
| <b>V. Análise e discussão dos dados .....</b>     | <b>44</b> |
| <b>1. Reações Comportamentais .....</b>           | <b>44</b> |
| <b>2. Prática Instrumental Conjunta .....</b>     | <b>46</b> |
| <b>3. Socialização/Integração.....</b>            | <b>47</b> |
| <b>4. Parecer dos Professores do 1.º CEB.....</b> | <b>49</b> |
| <b>VI. Conclusão .....</b>                        | <b>52</b> |
| <b>Conclusão Geral .....</b>                      | <b>54</b> |
| <b>Bibliografia .....</b>                         | <b>56</b> |
| <b>Anexos .....</b>                               | <b>58</b> |

## **Lista de abreviaturas**

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

AEC – Atividade de Enriquecimento Curricular

PES – Prática de Ensino Supervisionada

EPE – Educação Pré-Escolar

## **Introdução Geral**

O presente Relatório Final de Estágio foi elaborado no âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, que teve lugar na Escola Superior de Educação de Viseu – Instituto Politécnico de Viseu.

O mesmo apresenta variada informação que se considerou indispensável para fundamentar todo o trabalho desenvolvido nas unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada II e III, que fizeram parte do 2.º e 3.º semestres do plano de estudos do mesmo curso.

O Relatório Final de Estágio, aqui apresentado, encontra-se dividido em duas partes.

Na primeira parte encontram-se as reflexões críticas das práticas em contexto, efetuadas em função das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada II e III, no âmbito do estágio na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assim, no primeiro capítulo, reflete-se sobre o enquadramento em relação às unidades curriculares (PES II e III) e sobre tudo o que fez parte das mesmas, os grupos com os quais se contactou no decorrer da prática e o local onde se desenvolveram as práticas letivas. No segundo capítulo, faz-se uma análise das práticas concretizadas em contexto, nas unidades curriculares PES II e PES III, onde se pode perceber o tipo de práticas desenvolvidas, as escolhas e, por conseguinte, se apresenta uma reflexão acerca das mesmas. Para finalizar, no terceiro capítulo é efetuada uma análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo da unidade curricular de PES, tendo como referência o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, que regula o Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na segunda parte, encontra-se o trabalho de investigação e o desenvolvimento do mesmo. Este trabalho refere-se a um estudo de caso, que teve lugar no 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma do 4.º ano de escolaridade, que teve como propósito perceber de que forma é que a música pode contribuir para a socialização/integração das crianças na escola do 1.º CEB. A recolha de dados efetuada neste estudo de caso teve como base entrevistas semiestruturadas e observações diretas não participantes.

Nesta segunda parte do relatório, apresenta-se um enquadramento teórico onde se define e justifica a relevância do estudo, bem como os seus objetivos e uma

revisão da literatura relacionada com o objeto de estudo. Posteriormente, apresentam-se a metodologia adotada, os participantes do estudo e os instrumentos de recolha de dados, as atividades planeadas para a concretização do trabalho de investigação. Nesta parte, também se encontra a análise da informação empírica, que engloba essencialmente a análise dos dados recolhidos e dos resultados. Para finalizar, apresentam-se as conclusões de todo o trabalho de investigação, que pretendem dar resposta à problemática, levantada inicialmente.

A terminar o presente Relatório, serão apresentadas algumas reflexões finais como forma de conclusão do trabalho desenvolvido.

## **PARTE I – REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS PRÁTICAS EM CONTEXTO**

## **Introdução**

De forma a caracterizar todos os contextos nos quais decorreram as dinamizações e intervenções, será apresentada uma breve análise e descrição dos mesmos, que correspondem à unidade curricular das Práticas de Ensino Supervisionadas II e III (PES). Esta unidade curricular faz parte do plano de estudos do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB e a atual reflexão diz respeito ao segundo e terceiro semestres do mesmo. Ao longo do segundo semestre, na Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), o estágio teve lugar no 1.º Ciclo do Ensino Básico, no que diz respeito ao terceiro semestre, na Prática de Ensino Supervisionada III (PES III), o mesmo decorreu na Educação Pré-Escolar.

Por conseguinte, e num primeiro capítulo, será efetuado um enquadramento ao nível curricular da turma e grupo de trabalho, bem como dos locais de estágio e equipas educativas.

No segundo capítulo, encontra-se uma análise efetuada às práticas realizadas nos dois níveis anteriormente referidos, bem como uma reflexão sobre as metodologias adotadas. De maneira a apoiar esta mesma análise, recorreu-se a vários documentos concebidos no decorrer da unidade curricular de PES II e de PES III, particularmente aos Projetos Curriculares de Turma/Grupo, planificações, relatórios crítico-reflexivos das diversas dinamizações, bem como aos aspetos referidos pelas equipas de supervisão e pelas professora/educadora de infância cooperantes.

Por fim, no terceiro capítulo, será apresentada uma análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, na qual será efetuada uma breve reflexão acerca do desempenho nos momentos proporcionados pela mesma.

## **I. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada**

Fazem parte integrante do plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, entre várias unidades curriculares, as Práticas de Ensino Supervisionadas I, II, III (PES) que se encontram repartidas pelos três semestres. Desta forma, as PES I e PES II decorreram no ano letivo de 2011/2012 e a PES III no ano letivo de 2012/2013.

A PES I, referente ao primeiro semestre, ocorreu durante 14 semanas, as quais foram divididas entre o 1.º Ciclo do Ensino Básico e a Educação Pré-Escolar. Desta forma, as horas e os dias foram repartidos de igual forma pelos dois níveis de ensino, ou seja, dois dias por semana, cinco horas por dia, em ambos. Este momento proporcionado pela PES I serviu como forma de preparação e observação dos contextos com os quais posteriormente se contactou, o que, de certa forma, acabou por nos permitir ter uma maior proximidade com a realidade.

Ao longo desta unidade curricular, o estágio teve lugar no 1.º Ciclo do Ensino Básico e decorreu numa escola da rede pública da cidade de Viseu numa turma do 4.º ano de escolaridade. Por sua vez, em contexto de Educação Pré-Escolar, o mesmo decorreu numa escola da rede pública da cidade de Viseu.

No que respeita à PES II, a mesma desenrolou-se ao longo de 14 semanas de dinamizações. Cada semana incluiu três dias, com cinco horas cada, ou seja, um total de 15 horas semanais, o que determina um total de 210 horas. Assim, foram desenvolvidas dinamizações individuais durante quatro semanas, restando uma para dinamização em grupo e outra para observação. As intervenções realizadas no decorrer desta unidade curricular foram controladas por uma equipa de supervisão, composta por um docente da área da Matemática e outro docente da área das Ciências da Educação. A equipa de supervisão, bem como a professora cooperante, dava o seu parecer em ocasiões reservadas para o efeito, de forma a fazer uma apreciação crítico-reflexiva do trabalho desenvolvido. Contudo, fora da escola, todos os docentes se disponibilizavam para qualquer tipo de apoio que fosse necessário.

Para finalizar, a PES III desenvolveu-se durante o 3.º e último semestre e teve lugar num Jardim de Infância pertencente a um agrupamento de escolas da cidade de Viseu. Esta unidade curricular decorreu nos mesmos moldes da PES II, com 14 semanas de dinamizações, três dias por semana o que perfaz um total de 210 horas.

## 1. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada II

A Prática de Ensino Supervisionada II foi realizada em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no ano letivo 2011/2012, e teve lugar numa escola da rede pública da cidade de Viseu. A turma na qual foi possível intervir foi uma turma pertencente ao 4.º ano de escolaridade.

O Agrupamento formou-se no ano letivo 2003/2004 e integra 10 Jardins de Infância, 13 Escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclo. Este Agrupamento também tem como oferta formativa a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico, (1.º, 2.º e 3.º Ciclos), Cursos de Educação e Formação (CEF) e Educação e Formação de Adultos (EFA).

A Escola onde decorreu a PES fica situada num bairro suburbano e dista 2 km da cidade de Viseu. Possui dois pisos, os quais servem alunos, docentes e pessoal não docente.

O piso do rés-do-chão abrange três salas de atividades, sendo que uma delas é o local onde funciona uma unidade de Ensino Estruturado (sala TEACCH - *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*). No mesmo piso, funcionam dois conjuntos de casas de banho com seis sanitas privadas para as crianças e duas para adultos, e uma cozinha que serve refeições diárias às crianças. Ainda neste piso, existe um espaço polivalente fechado, que serve como recreio das crianças em dias chuvosos, bem como outro tipo de atividades, tanto da Educação Pré-Escolar como do 1.º CEB. No piso superior, funcionam duas salas de aula, uma de dimensões reduzidas, equipada com material informático, telefone e fotocopiadora e uma pequena arrumação. Todas as salas de atividades são providas de equipamento informático (quadros interativos e computadores) e têm um espaço revestido a tijoleira e com condições para a execução de atividades de Expressão Plástica e de carácter experimental.

Como espaço exterior, salienta-se a existência de um espaço polivalente descoberto, para uso de atividades de recreio das crianças e para atividades referentes à Expressão Físico-Motora, entre outras que o exijam.

No que diz respeito à sala do 4.º ano de escolaridade, onde decorreu a intervenção da PES II, esta faz parte do piso superior. Este espaço encontra-se com boas condições de funcionamento, com boa luz natural devido às janelas existentes ao longo de uma das paredes da sala, bem como a existência de iluminação artificial e boa ventilação. O aquecimento da sala é feito através de aquecimento central a gás.

A sala é constituída por 17 mesas destinadas ao uso dos alunos, 34 cadeiras, uma mesa e cadeira de apoio para o docente, um quadro de giz, um quadro iterativo, dois computadores (apenas um se encontra em funcionamento e ligado ao quadro interativo), vários placares de corticite que são utilizados para a colocação de informação para apoio da prática letiva e trabalhos elaborados pela turma. Num dos lados da sala, localiza-se ainda uma zona revestida a tijoleira, composta por uma bancada e um ponto de água, que serve como apoio para diversas atividades, tais como Expressão Plástica e atividades de natureza experimental. Existem também na sala dois armários reservados à colocação de materiais de apoio para as crianças e para o docente.

A turma do 4.º ano na qual se desenvolveram as várias intervenções, era constituída por 17 alunos dos quais oito são do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades compreendidas entre os oito e os nove anos. As atividades letivas funcionavam no horário duplo da manhã, das 8 horas às 13 horas, sendo que, no período da tarde, funcionavam as atividades de enriquecimento curricular.

A turma possuía um ritmo de trabalho diferenciado, visto que havia alunos que demonstravam facilidade e uma certa rapidez na concretização dos trabalhos propostos, enquanto outros manifestavam maiores dificuldades e necessitavam de apoio individualizado. Contudo, no geral revelavam autonomia, responsabilidade, empenho na execução das tarefas, interesse e curiosidade nos novos conteúdos. De uma forma geral, a turma tinha um bom comportamento. É importante salientar que se encontrava integrado na turma um aluno que frequentava a unidade TEACCH.

Em relação ao contexto social, económico e cultural da turma, pode dizer-se que a mesma se situa num nível médio e os encarregados de educação, no geral, demonstram bastante interesse e envolvimento na educação dos seus educandos. Ainda em relação ao contexto familiar, apesar de existir interesse da parte dos encarregados de educação, havia algumas crianças que careciam de falta de estabilidade familiar, o que leva a um desequilíbrio comportamental das mesmas que acaba por ser refletido na aquisição de saberes.

Podia também caracterizar-se como sendo uma turma que manifestava gosto e interesse pela escola e pelas oportunidades de aprendizagem que a mesma oferece.

De um modo geral, a turma integrava alunos com facilidade de aprendizagem, adquirindo as competências fundamentais para a execução das tarefas propostas, referentes às diferentes áreas. Porém, é importante salientar a existência de um pequeno grupo, que era composto por 6 alunos (sinalizados por

problemas de dislexia, autismo, défice de atenção e concentração), que necessitava de maior atenção e apoio individualizado na concretização das tarefas. Estes alunos demonstravam dificuldades em quase todas as áreas do saber.

## **2. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada III**

No terceiro semestre do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a unidade curricular PES III foi realizada em contexto de Educação Pré-Escolar, e teve lugar num Jardim de Infância localizado na cidade de Viseu.

O edifício escolar onde se encontra a funcionar o Jardim de Infância foi arquitetado no ano de 1985, ou seja, perfaz 28 anos no presente ano. Este edifício contém dois pisos, rés-do-chão e primeiro andar, onde se encontram variados locais de apoio e serviço quer para os adultos, quer para os alunos.

No rés-do-chão encontram-se situadas as quatro salas do Jardim de Infância e as respetivas instalações sanitárias, espaços que servem de arrumação, um local polivalente, um bar que funciona também como refeitório, a cozinha, uma sala para uso do pessoal docente e não docente, os gabinetes de Administração e duas salas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Em relação ao 1.º andar, o acesso ao mesmo é efetuado somente através de escadas e fazem parte integrante do mesmo a biblioteca, a papelaria/reprografia, a mediateca, o ateliê de pintura, espaços de arrumação, duas salas de apoio educativo, instalações sanitárias e salas pertencentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Esta escola possui um espaço exterior amplo, que é utilizado para as atividades de recreio dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como atividades de Expressão Físico-Motora, entre outras que requeiram o mesmo.

A sala do Jardim de Infância é um espaço que possui boas condições para o funcionamento normal das atividades, tendo uma boa fonte de luz natural, visto que possui janelas bastante amplas e que ocupam completamente uma das paredes da sala. Além da luz natural também usufrui de iluminação artificial. A fonte de aquecimento da sala é constituída por dois pequenos aquecedores que funcionam através de energia elétrica e que se encontram colocados numa das paredes.

Em relação à organização do espaço, a sala encontra-se estruturada em torno de áreas de interesse. Contudo, esta sala prima por permitir às crianças a participação na organização do espaço, visto que são elas que escolhem as áreas

de interesse, as quais são alteradas consoante as suas necessidades e desenvolvimento.

Ao iniciar este contacto com a Educação Pré-Escolar, foi uma prioridade perceber e ajudar na construção de um ambiente educativo favorável e estimulante, tanto para as crianças como para os adultos.

O grupo no qual incidiram as dinâmizações era composto por 20 crianças, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos de idade, sendo que a faixa etária predominante é a de cinco anos de idade com dez crianças, seguida da de três, com seis, e, por fim, a de quatro com apenas quatro crianças. É importante salientar que faziam parte do grupo duas crianças com necessidades educativas especiais (NEE), sendo que a uma foi diagnosticado *Autismo* e a outra *Trissomia 21*.

Era um grupo bastante heterogéneo no que diz respeito ao meio social da qual eram provenientes, com gostos e necessidades distintas, justificados através da sua faixa etária, meio cultural e social.

No geral, as crianças demonstravam interesse em todas as áreas existentes na sala, não havendo uma que se sobrepusesse às restantes. As crianças tinham autonomia, criavam as suas próprias brincadeiras e faziam uso das áreas para satisfazer essas mesmas necessidades, visto que lhes era dado espaço e tempo para isso.

De uma forma geral, as crianças tinham um bom relacionamento entre elas e com os adultos, respeitando as regras que por elas próprias eram negociadas, discutidas e estabelecidas. Considerava-se um grupo bastante autónomo, com a exceção das crianças com NEE, e com vontade de aprender e investigar na globalidade das áreas de saber. Contudo, algumas crianças revelavam uma certa insegurança e instabilidade afetiva e, no geral, todas demonstravam uma grande necessidade de comunicar, bem como de ser ouvidas.

Neste grupo, todas as áreas eram trabalhadas em simultâneo, porém, devido aos diversos problemas que acompanhavam o grupo, acabava por se dar mais ênfase à área de Formação Pessoal e Social, visto que as próprias crianças demonstravam necessidade da mesma, apesar desta ser uma área transversal, como é salientado nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* “a Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida” (Ministério da Educação, 1997, p. 51).

No decurso, tanto das observações como das dinamizações, as crianças foram sempre implicadas na construção do seu próprio currículo, visto que eram elas que faziam as sugestões do que pretendiam realizar e sentiam necessidade.

## **II. Análise das práticas concretizadas nas PES II e III**

A característica primordial das práticas de ensino supervisionadas, independentemente do semestre no qual as mesmas decorreram, é que todas permitiram o contacto com as práticas em contexto de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim, é importante fazer uma análise e reflexão sobre o trabalho desenvolvido no decurso das práticas.

### **1. Prática em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

A unidade curricular de PES II decorreu no mesmo local onde teve lugar a PES I, em contexto do 1.º CEB (1.º semestre). Logo, esta situação acabou por facilitar tanto o contacto com o grupo de crianças como com o contexto em si, apesar do tempo de convivência ter sido bastante reduzido no que diz respeito ao primeiro semestre.

Como já existia um conhecimento prévio, tanto das crianças como do contexto, isso acabou por facilitar numa fase inicial de seleção das estratégias a adotar, uma vez que já obtinha conhecimento de que as crianças, apesar de se encontrarem no mesmo nível de ensino, tinham diferentes níveis de aprendizagem. Neste sentido, tive como prioridade elaborar planificações de forma a ir ao encontro das crianças e dos seus interesses, curiosidades e necessidades.

No decorrer destes momentos de dinamização, os mesmos foram acompanhados por uma equipa de supervisão constituída por dois professores pertencentes à Escola Superior de Educação de Viseu, sendo um da área das Ciências da Educação e outro da área da Matemática. Os dois professores prestaram apoio e acompanharam as diversas dinamizações, sendo que no final havia uma reunião com toda a equipa e era feita uma reflexão/análise do trabalho desenvolvido, de forma a adotar estratégias de melhoria.

Aquando das dinamizações, surgiram algumas dificuldades, essencialmente na gestão do tempo. Tal facto prendia-se com a dificuldade em conseguir perceber os diferentes ritmos das crianças, para se planificar de acordo com as possibilidades dos mesmos, o que por vezes acabava por levar a algumas falhas, visto que não era possível concretizar tudo o que estava planificado. Contrariamente, surgia por vezes a situação inversa e acabava por sobrar tempo. Em relação a esta última situação, rapidamente consegui adotar uma estratégia recorrendo a fichas de trabalho com exercícios complementares. No final, e após conseguir perceber o ritmo das

crianças tornou-se mais fácil fazer a gestão do tempo e já raramente havia problemas.

No que concerne às planificações, estas eram elaboradas consoante os conteúdos indicados pela professora cooperante, e tendo sempre em consideração as dificuldades de aprendizagem, os ritmos distintos de trabalhos, os prazeres/gostos das crianças, as suas opiniões e propostas, tudo de forma a responder às suas necessidades, ao currículo e ao programa do 1.º CEB. Por conseguinte, tentei acima de tudo planificar intervenções lúdicas, que proporcionassem contacto com diversos materiais de apoio à aprendizagem, que estivessem de acordo com a faixa etária, e com o propósito de envolver as crianças bem como incentivassem a aquisição e retenção dos conteúdos.

Uma das preocupações que acabou por surgir inicialmente foi a de não quebrar o ritmo já incutido pela professora cooperante e, de alguma forma, dar continuidade ao trabalho da mesma. Assim, optei por seguir o seu modelo de trabalho, de forma a estimular as crianças, para que não sentissem uma quebra nas dinâmizações. Por isso, foi primordial prestar atenção às opiniões e ideias das crianças, de forma a aproveitá-las e explorá-las, bem como a desenvolver a sua autonomia e implicando as crianças na construção do seu próprio currículo e colocando-as no centro do processo de aprendizagem.

Segundo a afirmação anterior, gostaria de salientar uma tarefa matemática, intitulada “Cubos com autocolantes”, realizada na 24.ª dinamização, no dia 21 de maio. Inicialmente, tentei perceber e aproveitar os conhecimentos prévios das crianças em relação à figura geométrica em questão. De seguida procedi à apresentação e explicação do enunciado, recorrendo ao apoio de uma criança para exemplificar, e a material para que o processo e o objetivo final da tarefa pudessem ser visualizados. Posteriormente, foi disponibilizado material, por cada grupo de trabalho, para a resolução da tarefa. Seguidamente, deu-se um momento de resolução em grupo, tendo como objetivo final, a apresentação e discussão das estratégias de resolução adotadas para toda a turma. No final, encontrou-se mais do que uma forma de resolução para esta mesma situação problemática. Ao longo da atividade tentei orientar as crianças, não interferindo diretamente, e não validando qualquer tipo de resposta, apenas discutindo e questionando o porquê.

Desta forma, no meu parecer, assumi uma gestão de suporte para que as crianças desenvolvessem a sua autonomia, espírito crítico e que acima de tudo se implicassem na construção do seu próprio saber e aprendizagens.

Em relação a todas as outras áreas, tentei sempre seguir a mesma estratégia exemplificada anteriormente, e por vezes recorri a suportes audiovisuais e jogos de forma a envolver as crianças nos conteúdos.

No decorrer dos períodos de estágio, a equipa de supervisão foi dando o seu parecer, bem como a professora cooperante de forma a melhorar a prática letiva. Um dos pontos que na fase inicial foi levantado diz respeito à interdisciplinaridade e à dificuldade na concretização da mesma. Por vezes, passava-se de uma área para a outra sem haver qualquer tipo de ligação. Porém, esta dificuldade acabou por ser ultrapassada ao longo do tempo.

## **2. Prática em contexto da Educação Pré-Escolar**

Ao invés do sucedido no 2.º semestre (PES II), a unidade curricular de PES III decorreu num local e contexto que era completamente novo, no que diz respeito ao Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, acabou por existir um tempo de adaptação, que se pode caracterizar por trabalhoso tendo em conta o grupo e os problemas que acompanhavam o mesmo.

No primeiro contacto com as crianças e com a equipa educativa fomos recebidas da melhor forma e colocadas à vontade.

Aquando do início das intervenções neste contexto, senti algumas dificuldades na elaboração das planificações, essencialmente na elaboração dos conteúdos, visto que ainda não dominava os mesmos. O modelo das planificações era elaborado de acordo com o modelo da educadora cooperante. De imediato, a educadora disponibilizou-se para nos apoiar e elucidar a forma como deveriam ser elaboradas as planificações, o que nos permitiu ter um contacto com todos os documentos reguladores/orientadores, o que, no meu ponto de vista, foi uma mais-valia, porque nos permitiu compreender de que forma é que tanto o agrupamento como a escola se encontravam estruturados.

Inicialmente, e à semelhança do sucedido no 1.º semestre, houve um especial cuidado e uma prioridade inicial em criar um ambiente educativo de acordo com as necessidades e gostos das crianças, de forma a responder aos mesmos, bem como proporcionar momentos de aprendizagem e crescimento.

Neste sentido, e segundo o documento *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* “o contexto institucional de educação pré-escolar deve

organizar-se como um ambiente facilitador de desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. Este ambiente deverá ainda proporcionar ocasiões de formação dos adultos que trabalham nesse contexto” (Ministério da Educação, 1997, p. 31).

Perante esta informação, todas as opções no decorrer do estágio foram tomadas tendo a mesma em atenção, bem como as opiniões e ideias da educadora.

Todas as dinamizações passavam por um processo de planificação diária, elaboradas pelo grupo de estágio, em função das opiniões das crianças, das necessidades e interesses e tendo como finalidade a avaliação. Desta forma, se não surgisse nenhum interesse próprio das crianças, um problema, ou uma necessidade, as mesmas eram questionadas acerca do que gostariam ou pretendiam fazer na semana seguinte.

Foi efetuado um trabalho minucioso no que respeita à área de Formação Pessoal e Social, por esta ser transversal às restantes áreas, mas também tendo em conta o contexto do qual as crianças eram provenientes. Assim, sempre que era detetado um problema, adotavam-se estratégias de forma a superar o mesmo. É importante perceber que, por vezes, devido ao espaço e tempo que era permitido às crianças, elas próprias pediam auxílio para resolver os problemas com os quais se deparavam no seu quotidiano. Contudo, a educadora fazia uso de testes sociométricos, o que lhe permitia ter uma visão mais profunda das problemáticas, que por vezes não se conseguem detetar. Assim, inventariava os problemas e adotava estratégias de ação de forma a solucioná-los. Por fim, e após a implementação das estratégias, voltava-se a passar o teste para ver se estava solucionado, ou se eram realçados mais problemas.

Os testes sociométricos, nas escolas, consistem essencialmente em “pedir a cada membro de um grupo que indique as pessoas com quem gostaria de se associar em diversas situações” (Northway & Weld, n.d., p. 11). Desta forma, é possível perceber que os testes sociométrico ajudam a recolher informações importantes em relação ao grupo, dão a perceber as relações sociais existentes entre as crianças que o constituem e permitem identificar quais são as crianças excluídas e as mais “populares” (Northway & Weld, n.d.).

Logo, pode perceber-se que todas as planificações visam a implicação da criança no seu próprio processo de construção e gestão do currículo e servem como base para o trabalho a desenvolver nos dias de dinamização. Esta ideia acaba por ir ao encontro do definido pelas *Orientações Curriculares para a Educação de Infância*, ao “admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo” (Ministério da Educação, 1997, p. 19).

Porém, determinadas planificações não foram totalmente cumpridas devido ao surgimento de situações imprevistas (por exemplo um problema entre as crianças ou uma agressão) e que se sobrepunham ao que se encontrava planificado.

Ao longo desta intervenção no contexto da Educação Pré-Escolar, e após avaliar os gostos e interesses das crianças, foi-me permitido trabalhar a Pedagogia de Projeto com o tópico “Cavalinho de pau”, na 4.ª dinamização.

Todas as crianças, incluindo as da Educação Pré-Escolar, demonstram enorme curiosidade sobre tudo o que as rodeia, de forma a entender e obter respostas. Segundo L. Katz e S. Chard, um trabalho de projeto, na Educação Pré-Escolar, é uma investigação aprofundada de um determinado problema, organizado e levado a cabo pelas crianças, nesta sequência surge um problema e é em torno do mesmo que todo o processo se desenvolve (Katz & Chard, 2009).

Para a elaboração de um projeto é essencial perceber o “porquê”, estabelecer um ponto de partida, o “para quê”, as formas de responder ao problema e o “como”, e a forma de atingir o resultado. Assim, é possível afirmar que um trabalho de projeto implica as crianças no processo de construção do seu currículo e promove o desenvolvimento da autonomia. Através deste tipo de trabalho, é possível colocar as crianças em ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), desenvolvendo diversas competências tais como a pesquisa, a investigação, a análise, a organização, a partilha de saberes e de vivências. É importante que o tópico promova o desejo de crescer e de aprender, aumente e diversifique os conhecimentos, bem como estimule novos interesses às crianças.

Neste caso, as crianças faziam frequentemente apelo à construção de um “cavalinho de pau”. Desta forma, e após análise do interesse destas, a educadora sugeriu que se realizasse um trabalho de projeto, em torno da curiosidade inventariada.

Assim, ao idealizar e preparar este projeto, para além de satisfazer os interesses das crianças, também tive em consideração que o mesmo pudesse contribuir para o desenvolvimento da autonomia de forma a conseguir que as crianças se apropriassem do processo de desenvolvimento e aprendizagem. Contudo, foi necessário ter em conta que o desenrolar deste trabalho de projeto foi bastante flexível e dependente das vontades, ideias, curiosidades e necessidades das crianças.

Neste sentido, este trabalho acabou por exigir de mim uma pesquisa e apropriação de saberes em relação ao tópico/problema em questão. Acabei, assim, por me envolver bastante, apesar de não ter sido possível fazer a avaliação do

mesmo, visto que percebi que os três dias eram pouco tempo para a elaboração de um trabalho de projeto em todas as fases que fazem parte constituinte do mesmo.

Neste projeto, para além do envolvimento da comunidade educativa, também se solicitou a participação de outro parceiro da comunidade, a Guarda Nacional Republicana – Posto Territorial de Viseu, para se deslocarem à escola e levarem os cavalos, bem como apresentarem uma explicação sobre os mesmos para as crianças. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “porque o projeto educativo do estabelecimento ou território deve ter em conta o meio social em que vivem as crianças e famílias, há vantagens em que inclua a participação de outros parceiros da comunidade, como autarcas e outros serviços e instituições locais que podem contribuir para melhorar a resposta educativa proporcionada às crianças” (Ministério da Educação, 1997, p. 44).

Através desta experiência, foi-me possível compreender que as crianças se mostravam bastante envolvidas neste tipo de trabalho e que a cada momento que ia passando manifestavam imensa curiosidade no que se aproximava de seguida. Porém, apresentavam grandes dificuldades em orientar este trabalho, apesar de serem bastante comunicativas e participativas. Desta forma, acaba por aparecer o educador com o papel de orientador.

Para finalizar, posso referir que as intervenções, no geral, foram de carácter lúdico, com o intuito de envolver as crianças no seu processo de aprendizagem, visto que o interesse nas diversas áreas era naturalmente demonstrado e o educador unicamente tinha o papel de orientar e aperfeiçoar o mesmo.

### **III. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos**

Neste ponto, e para finalizar será efetuada uma análise dos conhecimentos profissionais desenvolvidos, através de autoavaliação das práticas realizadas em ambos os contextos, de 1.º Ciclo do Ensino Básico e Educação Pré-Escolar, proporcionados pela unidade curricular de PES, tendo como referência os Padrões de Desenvolvimento Docente – Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.

Em qualquer um dos contextos, é importante acima de tudo manter um ambiente favorável entre as partes integrantes dos mesmos, de forma a facilitar o trabalho conjunto.

#### **1. 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Em relação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, segundo as práticas realizadas e, comparativamente à conceção e desenvolvimento do currículo, posso referir que consegui ter em conta o contexto e recorri a uma prática integrada, ou seja, fiz a articulação entre as diversas áreas e a mobilização dos conhecimentos e saberes científicos em prol da aprendizagem das crianças. Assim, pretendeu-se articular conhecimentos e competências, possibilitando às crianças aprendizagens significativas.

Apesar de inicialmente esta ter sido uma das minhas dificuldades, acabou por ser ultrapassada com o decorrer do tempo. Desta forma, todas as estratégias e metodologias adotadas tinham em conta o ritmo de trabalho e de aprendizagem individual das crianças, com o intuito de prestar o apoio necessário às mesmas.

Um dos aspetos ao qual dei maior ênfase ao longo das diversas dinamizações foi a questão da diversidade de conhecimentos e experiências das crianças, visto que todas estas situações fazem parte da sua vida, são bastante enriquecedoras, devendo ser aproveitadas e exploradas de forma a proporcionar momentos de aprendizagem.

Em relação aos instrumentos de avaliação, foram elaborados ao longo das dinamizações e foram constantemente reajustados de forma a garantir momentos de aprendizagem a todas as crianças, tendo em conta as suas dificuldades e o seu ritmo de aquisição dos conteúdos, bem como o desenvolvimento de hábitos individuais de orientação de aprendizagem.

Durante as dinamizações, existiu um apelo recorrente ao respeito pelos outros, tanto adultos como crianças, e sempre que possível as crianças trabalhavam a pares ou em grupo, de forma a interagirem, partilharem saberes e experiências, e sempre que era necessário havia chamadas de atenção em relação às diferenças sociais, físicas, culturais, psicológicas e de aprendizagem.

Quanto ao relacionamento com o grupo, considero que se desenvolveu uma boa relação e um ambiente de bem-estar, proporcionando tranquilidade e respeito mútuo. Assim, acabaram por se ocasionar bons momentos de interação, de aprendizagem e de motivação tanto para o grupo como para mim enquanto estagiária.

No que diz respeito à integração do currículo, foram desenvolvidos diversos momentos de forma a promover aprendizagens e desenvolver competências nas várias áreas de conteúdo.

Na área de Língua Portuguesa foram dinamizadas diversas atividades de forma a desenvolver competências de compreensão e de expressão oral, leitura, escrita e conhecimento explícito da língua, através das quais se pretendia o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Nesta área, os alunos, no geral, não demonstravam grandes dificuldades, contudo, algumas crianças sinalizadas, necessitavam de um apoio mais individualizado.

Relativamente à área de Matemática, recorreu-se a várias técnicas e materiais de forma a proporcionar o gosto pela mesma, através da resolução de tarefas e situações problemáticas relacionadas com o quotidiano das crianças e do meio envolvente.

Com a proposta de tarefas pretendia-se que as crianças construíssem o seu próprio saber matemático e que posteriormente apresentassem a sua resolução, descrevessem o raciocínio da mesma e discutissem com o resto do grupo, de forma a defenderem a sua perspetiva.

Desta forma, posso dar como exemplo a tarefa intitulada “Cubos com autocolantes”, realizada na 24.ª dinamização, no dia 21 de maio, onde as crianças tiveram como principal objetivo descobrir a norma geral para a colocação dos autocolantes nos cubos. Nesta tarefa, apenas tive a função de orientar. Assim, foi permitido às crianças o contacto com diversos materiais, tendo eles um papel preponderante na construção do seu próprio saber.

No âmbito do Estudo do Meio, ao longo do estágio, adotaram-se diversas estratégias de forma a desenvolver uma atitude científica e exploratória. Assim, foi permitido às crianças manter o contacto com diversos materiais e atividades, de forma a incentivar a criança para a aprendizagem e a criar o gosto pelas mesmas.

No decorrer deste tempo acabou por existir a estimulação ao questionamento. Desta forma, foram elaborados jogos de revisões dos conteúdos já lecionados, visualizados pequenos filmes referentes aos mesmos, elaborados cartazes de apoio à prática letiva, realizadas diversas atividades de carácter experimental, o que levou a um contacto direto com os conteúdos e competências a adquirir. Habitualmente, partia-se dos conteúdos desta área para fazer a interdisciplinaridade com as restantes.

No que diz respeito à Educação Artística, posso considerar que o trabalho realizado durante as diversas intervenções foi ao encontro do disposto no artigo que serve como base à presente análise.

Perante o que se encontra descrito no artigo base para análise do presente capítulo, em todas as intervenções se recorreu a esta área de forma integrada e com o intuito de desenvolver as diversas competências associadas à área de Educação Artística. A título de exemplo, destaco o recurso à utilização das canções associadas aos conteúdos Estudo do Meio. Assim, foi permitido às crianças o contacto com diversos materiais, instrumentos e técnicas, de forma a apreciar e valorizar as artes.

## **2. Educação Pré-Escolar**

Em relação à Educação Pré-Escolar, no que diz respeito à conceção e desenvolvimento do currículo, para além de uma organização adequada do ambiente educativo, a mesma era gerida através de planificações a curto prazo tendo em conta as necessidades das crianças, e tendo como objetivo primordial responder às mesmas.

Ao nível da organização do ambiente educativo, o mesmo foi estruturado como facilitador do desenvolvimento e promotor de aprendizagens significativas para as crianças, tendo sempre em atenção que o ambiente educativo é um suporte de trabalho para o educador e não esquecendo que é através deste que as crianças acabam por aprofundar os conhecimentos e adquirir novas aprendizagens. Assim, encontravam-se à disposição das crianças diversos materiais e espaços ricos e facilitadores de aprendizagem, de forma a apoiá-las na construção do seu próprio currículo. É importante referir que todos os materiais se encontravam à disposição das crianças, sem haver qualquer tipo de discriminação.

Aquando da elaboração das planificações, e tendo sempre em conta as necessidades das crianças, as suas experiências, a implicação das mesmas na construção do currículo e na avaliação, optei por fazer uma programação de forma a utilizar uma grande diversidade de materiais e proporcionar momentos estimulantes e de envolvimento para criança. Desta forma, pode dizer-se que as intervenções educativas eram integradas e flexíveis, visto que se aproveitavam todos os momentos de observação, bem como propostas das crianças e situações imprevistas, de forma a proporcionar aprendizagens significativas, respondendo às suas necessidades.

Em relação à gestão e organização do tempo, a mesma foi sempre feita tendo em atenção as rotinas diárias da sala, que foram criadas pelas crianças.

As Tecnologias de Informação e Comunicação também acompanharam esta intervenção na Educação Pré-Escolar, por exemplo, nas pesquisas feitas aquando do trabalho de projeto, ou até mesmo quando as crianças demonstraram interesse nos meios de comunicação.

Ainda dentro do ambiente educativo, considero que tive especial cuidado em relação às condições de segurança aquando das planificações, através da análise dos materiais e das atividades que se pretendia realizar, bem como das ações das crianças.

Ao longo das dinamizações, o grupo de estágio ia circulando de forma a dar acompanhamento às crianças, aproveitando para proceder à observação das mesmas e, seguindo os princípios da Educadora e procurando atingir um dos nossos principais objetivos: criar um ambiente de bem-estar tanto individual como de grupo.

No final de cada dinamização, procedia-se à avaliação junto das crianças, em grande grupo, fazendo uma pequena reflexão acerca do dia, e desta forma recolhia-se informação importante para as intervenções futuras.

No que respeita à relação e ação educativa, posso considerar que consegui manter uma boa relação com o grupo de forma a criar segurança afetiva, bem como a integração e envolvimento entre o próprio grupo através de atividades diversas, onde tinham que contactar com várias formas de organização com o intuito de trabalhar em conjunto, ou individualmente. Logo, sempre que era necessário, também se tentava fazer o levantamento dos problemas existentes entre as crianças que constituem o grupo, de forma a valorizar e a integrar as crianças que tinham mais dificuldades. Em relação a este aspeto, gostaria de fazer referência à passagem de um teste sociométrico, no qual foi detetado um problema relacionado com uma criança de raça negra. Assim, e como forma de combater esta situação,

idealizaram-se várias estratégias com o objetivo de fazer com que a criança excluída se sentisse bem e integrada no grupo, o que após algum tempo veio a surtir efeito.

Apesar do tempo escasso que se teve neste contexto de Educação Pré-Escolar, conseguiu-se, devido a um trabalho de projeto, proceder ao envolvimento da comunidade através da deslocação da Guarda Nacional Republicana à escola, com o intuito de implicar esta instituição no projeto que se estava a desenvolver com as crianças.

No âmbito da integração do currículo, posso considerar que, ao longo de toda a prática, consegui mobilizar diversos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso no mestrado, mais propriamente nas unidades curriculares que compõem o mesmo.

Em relação à Expressão e Comunicação, considero que foi uma das principais prioridades no decorrer da prática, visto que era dado espaço e tempo às crianças para poderem dialogar e discutir, sendo apenas a minha função a de orientadora e organizadora desse mesmo ambiente. Estes momentos aos quais me refiro decorriam, habitualmente, no início do dia, após a atividade livre. Assim, as crianças poderiam dialogar, discutir, procurar soluções para problemas levantados pelas mesmas e, ao mesmo tempo, desenvolver a linguagem oral. Porém, havia sempre uma preocupação com as crianças provenientes de grupos social e linguisticamente mais desfavorecidos.

Num determinado momento, as crianças demonstraram bastante interesse na escrita e na leitura, sendo idealizadas diversas estratégias de forma a responder às suas necessidades. Em relação a esta proposta das crianças, foram colocados à sua disposição materiais e informação que apoiaram esta curiosidade e responderam à mesma.

No que diz respeito às Expressões Artísticas, estas foram integradas ao longo das dinamizações de diversas formas, não havendo momentos específicos, visto que o objetivo é a integração entre as várias áreas, e não o seu isolamento, surgindo como se fossem uma só. Por exemplo, ao longo do trabalho de projeto, todas as Expressões Artísticas foram integradas, através da entoação de canções, da criação dos “cavalinhos de pau” e das corridas feitas com os “cavalinhos de pau” já finalizados.

No âmbito do Conhecimento do Mundo tive como objetivo principal criar momentos nos quais houvesse a estimulação da curiosidade das crianças e o seu envolvimento. Nesta área considero ter adotado estratégias de forma a envolver as crianças, através de atividades de carácter experimental e possibilitei o contacto com materiais diversos associados à cultura e à comunidade.

## PARTE II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

## Introdução

Atualmente, há uma luta constante para que a escola seja de todos e para todos, sem exclusões de raça, etnia ou mesmo diferenças socioeconômicas, visto que esta é uma problemática que ainda marca presença em instituições escolares.

Georges Piaton (1977) refere que a grande maioria dos autores define a socialização como a integração da criança na sociedade, de forma a que se adapte às características da mesma. Neste sentido, a escola acaba por ter um papel preponderante na inclusão e na preparação das crianças para a sociedade e para o mundo que as rodeia, visto que, além da família, numa fase inicial da vida da criança, esta é uma instituição social com a qual as mesmas contactam e que acaba por influenciar na construção da sua personalidade.

As crianças, desde muito cedo, reagem a estímulos sonoros. Logo, pode perceber-se a importância das diversas Expressões na formação e educação das mesmas. Desta forma, entendemos que o ensino da música, em qualquer fase da vida da criança pode ser um fator que influencia bastante o seu comportamento em grande grupo.

Vasconcelos, autor das orientações programáticas para o ensino da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico, refere que “o desenvolvimento da literacia musical constitui-se como o grande objetivo do ensino da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico” (Vasconcelos, 2006, p. 5). Torna-se interessante perceber de que forma é que a música é vista neste ciclo de ensino na perspetiva dos professores, procurar saber se poderá ajudar na socialização/integração das crianças e conhecer as reações que a mesma provoca nas crianças.

O presente trabalho de investigação encontra-se organizado em seis pontos. O primeiro ponto diz respeito ao enquadramento teórico, onde se encontra a delimitação do problema, ou seja, a definição do objeto de estudo, a sua justificação e relevância, o problema de investigação e os objetivos a ela associados.

No segundo ponto, será apresentada a revisão da literatura que tem como finalidade servir de suporte ao enquadramento teórico do estudo.

O terceiro ponto encontra-se relacionado com a componente prática e diz respeito à metodologia utilizada. Nele se encontram definidos o plano de investigação, os participantes no estudo, as técnicas e instrumentos de pesquisa, a planificação das atividades a desenvolver e ainda a análise dos dados.

Por conseguinte, no quarto e no quinto pontos encontra-se a apresentação dos dados e a discussão dos resultados obtidos.

Para finalizar, e de forma a fechar todo o percurso do trabalho de investigação, será apresentada a conclusão.

## **I. Enquadramento Teórico**

### **1. A Música como forma de integração**

Em articulação com a Prática de Ensino Supervisionada e tendo em conta a constante preocupação com a integração das crianças, considerou-se pertinente perceber de que forma é que as Expressões Artísticas, mais particularmente, a Expressão Musical, pode contribuir para que as crianças se envolvam e se sintam como parte integrante do grupo ao qual pertencem. Assim, optou-se por realizar o estudo no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O estudo incidiu essencialmente na Atividade de Enriquecimento Curricular de Música e procurou saber de que forma é que a mesma tem influência na socialização/integração das crianças.

Segundo Ganard (1971, p. 17), “A música pode ser uma escola de liberdade e de responsabilidade desde os primeiros passos”. As artes permitem às crianças ter contacto com diversos desafios coletivos e pessoais, de diversa ordem, que acabam por contribuir para a construção da sua identidade, tanto social como pessoal e permitem também, o entendimento das tradições de outras culturas (Ministério da Educação, 2001).

Na educação em Portugal, tem-se vindo a dar crescente importância à Educação Musical. Por conseguinte, em 2006 deu-se a implementação, nas escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's), que pretendem complementar a formação das crianças.

Este estudo irá incidir, mais propriamente, no contributo que a prática musical, presente na Educação Musical, terá ao nível da socialização/integração da criança e das suas reações/sentimentos.

A prática musical proporciona às crianças diversas experiências, desde experiências sensoriais até à integração e socialização aquando da prática em grupo, que faz parte deste tipo de ensino. A criança, nesta prática, encontra-se em grande grupo, e acaba por se envolver no mesmo, o que a leva a um trabalho conjunto, de partilha e respeito.

Desta forma, e dada a importância do Ensino da Música, espera-se que esta investigação permita ajudar a perceber a importância da prática musical neste ciclo de ensino, em parceria com os benefícios que esta poderá trazer relativamente à integração/socialização, numa fase inicial da vida do Ser Humano. Anseia-se também que possa levar a aumentar o reconhecimento da música como uma

atividade benéfica para o desenvolvimento da criança, bem como aproveitar esta atividade de forma a desenvolver competências importantes, tais como valores sociais, a utilização da voz, o desenvolvimento físico-motor, a experimentação e o contacto com diversos instrumentos e culturas, e ainda o conhecimento da língua.

O ponto de partida para uma investigação científica é a escolha de um problema. Lessard-Hébert (1996) refere que a definição do problema deve ser bastante explícita e de fácil perceção, “porque dessa definição dependem a precisão e a pertinência do vosso objetivo, e dos vossos meios de intervenção” (Lessard-Hébert, 1996, p. 37). Daí, pode concluir-se que o problema deve ser claro, conciso e de fácil compreensão e que não leve a que o investigador se perca. Contudo, deve também basear-se em algo que se queira saber, uma curiosidade, uma necessidade, uma ideia ou uma problemática à qual se pretenda responder.

A opção por este estudo deveu-se ao contacto que o investigador tem com a música desde tenra idade e por lecionar esta mesma área nas Atividades de Enriquecimento Curricular.

Segundo Coutinho (2011),

um dos primeiros propósitos de uma investigação é gerar informação que possa contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno social em estudo, o que implica, necessariamente, identificar toda a investigação anterior relevante com a qual o fenómeno se relaciona (Coutinho, 2011, p. 55).

Desta forma, e tendo em conta a justificação e relevância anteriormente apresentadas, definiu-se a seguinte questão: *“Será que a prática instrumental em grupo tem influência na socialização/integração da criança?”*.

Depois de definida a questão e partindo do problema de investigação colocado e tentando responder ao mesmo, definiram-se os seguintes objetivos:

1. Perceber as reações das crianças no momento da prática musical;
2. Compreender de que forma é que a prática musical conjunta pode contribuir para a socialização do grupo;
3. Conhecer a posição dos professores do 1.º CEB em relação à prática musical.

## **II. Revisão da literatura**

### **1. Breve apontamento sobre o Ensino em Portugal**

O ensino em Portugal tem vindo a evoluir ao longo dos tempos. Cada vez se atribui mais valor e importância ao mesmo, o que pode ser observado a partir do trabalho de diversos investigadores.

Segundo Rómulo de Carvalho (2011), em Portugal, o ensino iniciou-se com a organização de homens da Igreja, que pretendia propagar a sua palavra orientadora. Desta forma, iniciaram-se as ordens monásticas na Península Ibérica que parecem remontar ao século IV. Estas aulas tinham lugar nos mosteiros ou mesmo em seminários, os quais se multiplicaram nos séculos X e XI.

É importante salientar que, já nos séculos XI e XII, a Música fazia parte das disciplinas principais. Os conteúdos abordados eram as técnicas de canto, que tinham como função o acompanhamento de comemorações religiosas, bem como a teoria musical.

No reinado de D. Dinis, este entusiasmo pela escola não termina, muito pelo contrário, acaba por ser ainda maior, apesar de todas as dificuldades pelas quais passava Portugal. Rómulo de Carvalho refere que ao longo dos séculos XII e XIII houve uma enorme evolução pedagógica e assim, afirma que “a evolução da atividade pedagógica das escolas portuguesas a que nos acabámos de referir, relativamente aos séculos XII e XIII, evidencia o entusiasmo pela aquisição de conhecimentos e pela generalização da cultura” (Carvalho, 2011, p. 43).

No século XIII, fundaram-se os Estudos Gerais de Lisboa, pela crescente preocupação em elevar os níveis de conhecimento. Este momento importante da História do Ensino, deu-se ainda no reinado de D. Dinis. Neste tipo de ensino, grande parte dos homens que se dedicava aos estudos era da classe do clero. Porém, a Música continuava a ser uma das principais disciplinas.

Todo o planeamento de estudos tinha sempre como base a modelação dos alunos para a sociedade. Contudo, cada tipo de escola tinha os seus fins e forma de moldar os alunos, consoante os seus ideais.

Apesar de todos os altos e baixos, a educação em Portugal, nesta época, era notável e de referência. Como nos refere Rómulo de Carvalho, no que diz respeito à situação do ensino no final do século XIII,

Se deitarmos balanço à situação pedagógica portuguesa no final do século XIII deveremos concluir que não se apresentava desprimorosa, no respeitante ao número de escolas existentes. Éramos poucos, num país de pequena superfície, sob os olhares cobiçosos dos reinos vizinhos, e ainda na fase da sua organização interna. Contudo já tínhamos um Estudo Geral, criado com bastante antecipação em relação a muitos grandes aglomerados europeus (Carvalho, 2011, p. 69).

Portugal, após o reinado de D. Dinis, foi evoluindo em relação ao ensino. A cada dia era-lhe atribuída maior importância e, desta forma, acabou por se ir estruturando, por vezes com dificuldades devido aos momentos políticos pelos quais o país passava.

Contudo, foi apenas após o golpe militar de 28 de maio de 1926, no final da 1.ª República e no princípio de uma ditadura militar, que tudo mudou. Estas mudanças, como tinham sido até aqui, iam sempre ao encontro dos ideais de quem se encontrava a governar Portugal.

Com a entrada de António de Oliveira Salazar para o governo, um dos seus principais objetivos era a extinção do analfabetismo, a construção de edifícios escolares e a organização das Escolas Normais.

A primeira reforma do ensino primário deste regime ditatorial, em 17 de maio 1927, foi com base na anterior reforma da I República, com algumas alterações. Desta forma, o ensino encontrava-se dividido em três escalões: o ensino infantil (dos 4 aos 7 anos de idade), sendo o mesmo opcional, o ensino primário “elementar” (dos 7 aos 11 anos de idade) de caráter obrigatório e por fim o ensino “complementar” (dos 11 aos 13 anos de idade).

Segundo Rómulo de Carvalho, “os trabalhos escolares deveriam iniciar-se e encerrar-se diariamente com a saudação à bandeira nacional” (Carvalho, 2011, p. 730).

Contudo, e até 1974, foram fixados os vários níveis de ensino: o ensino primário, o secundário liceal, o superior e o universitário e só mais tarde apareceu o ensino técnico-profissional.

Após a revolução de abril de 1974, houve mudanças no ensino português; em 1986, surgiu a Lei de Bases do Sistema Educativo, que estabelece o novo panorama global do Sistema de Ensino em Portugal, onde também se encontra a referência às artes.

O 1.º Ciclo do Ensino Básico encontra-se dividido em quatro anos e tem apenas um professor único; o 2.º Ciclo do Ensino Básico compreende mais dois

anos (5.º e 6.º anos), encontrando-se dividido por disciplinas, a cargo de diversos professores; por fim, o 3.º Ciclo do Ensino Básico é constituído por três anos (7.º, 8.º e 9.º anos) e funciona nos mesmos moldes do ciclo anterior.

O ensino secundário, que se divide por três anos (10.º, 11.º e 12.º anos), e o ensino superior são facultativos, contudo é importante referir que apenas quem tem aproveitamento no 1.º, 2.º e 3.º Ciclos tem oportunidade de seguir para estes graus de ensino.

## **2. A Educação Artística**

Uma das primeiras referências da Educação Artística em Portugal foi Almeida Garrett, que, em 1829, surgiu “defendendo a ideia de que a educação deveria abranger uma formação estética e artística, que abarcasse todas as áreas artísticas, permitindo ao aluno o contacto com várias áreas, ampliando os seus conhecimentos e permitindo a descoberta de possíveis aptidões numa das áreas artísticas” (Tomás, 2010, p. 25).

Contudo, só com o aparecimento da LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo, em 1986, é oficializado o ensino das artes. Desta forma, cabe ao ensino “(...) promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios” (Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, artigo 7.º, alínea c).

Porém, só passado algum tempo é que se deu importância às perspetivas de Garrett, com o surgimento do decreto-lei n.º 334/90 de 2 de novembro, onde é possível perceber que “(...) a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter” (Decreto-Lei n.º 334/90).

No ensino básico, as artes são um meio essencial para o desenvolvimento da criança, no que diz respeito à expressão social, cultural e pessoal. Por conseguinte, as artes acabam por permitir à criança o contacto com diversas formas de apresentação coletivas e pessoais que apoiam o desenvolvimento e construção da sua identidade, a identidade social, bem como o apoio na construção da identidade nacional (Ministério da Educação, 2001).

A educação artística no ensino básico baseia-se essencialmente em quatro áreas: Expressão Plástica e Educação Visual; Expressão e Educação Musical; Expressão Dramática/Teatro; Expressão Físico-Motora/Dança. Estas áreas são consideradas bastante enriquecedoras e gratificantes, para além dos benefícios que

as mesmas acarretam para quem tem contacto com elas, o que lhes deve permitir ter um espaço próprio nos currículos escolares.

Vários estudos têm, também, reforçado a importância da educação artística na formação da personalidade em todas as idades. Desta forma, compreende-se a intenção das várias reformas do ensino em relação à mesma (Santos, 2008).

Segundo Piaget, citado por Santos (2008),

se na vida da criança há duas necessidades essenciais que são, por um lado, a adaptação à realidade material e social, e, por outro, o conjunto das realidades individuais que se exprimem pelos jogos simbólicos, a arte, na criança, seria um esforço de conciliação entre essas duas necessidades, como uma síntese entre a expressão do eu e as formas de atividade adequadas (Santos, 2008, p. 19).

Desta forma, as artes permitem à criança a aquisição de diversas competências, bem como o contacto com as várias formas de comunicação inerentes às mesmas, de modo a distinguir linguagens e saber fazer a sua leitura. Neste sentido, “desenvolver a literacia artística é um processo sempre inacabado de aprendizagem e participação que contribui para o desenvolvimento das nossas comunidades e culturas, num mundo onde o domínio de literacias múltiplas é cada vez mais importante” (Ministério da Educação, 2001, p. 151).

Para concluir, é importante referir que a educação artística é parte integrante do currículo e que deve ser tida em conta independentemente da existência, ou não, das Atividades de Enriquecimento Curricular.

## **2.1 A Atividade de Enriquecimento Curricular de Música**

A arte musical é uma das manifestações culturais que se encontra na vida do homem desde a sua existência (Cruvinel, 2005).

A música é uma forma de arte que, como todas as outras artes, tem a capacidade de proporcionar sensações e emoções, bem como ajudar a desenvolver e a criar novas competências em quem a pratica. Desta forma, a Expressão e Educação Musical permite à criança a exteriorização dessas sensações e ajuda no desenvolvimento e estimulação de diversas capacidades tais como a partilha, a autonomia, a criatividade e o trabalho em conjunto.

Durante muito tempo, o ensino da música não se encontrava acessível a todos, sendo necessário pagar para se poder usufruir desta arte e deste tipo de

ensino. Por conseguinte, num determinado tempo histórico, este tipo de ensino era considerado um ensino de elite, onde só as pessoas com elevado nível social é que possuíam este tipo de experiência. Como nos refere Madeleine Gagnard (1971), o ensino de música na infância “deve ser estruturado numa base democrática, ao contrário do que se verifica atualmente, em que a iniciação musical infantil (que não existe nas escolas oficiais) é privativa das classes privilegiadas” (Gagnard, 1971, p. 17).

Luís de Freitas Branco, compositor português, refere que, ao longo dos tempos, cada vez mais a música assume um papel marcante no nosso país, e é possível constatar esta situação, através da adesão de alunos aos Conservatórios de Música (Branco, 1995).

As Atividades de Enriquecimento Curricular surgiram então de uma aposta do Ministério da Educação, em 2006, de forma a criar igualdade de oportunidades às crianças, ajudar a desenvolver competências e contribuir para o sucesso dos alunos independentemente do seu estatuto social e poder económico.

Com o aparecimento das Atividades de Enriquecimento Curricular, surge então o Despacho n.º 14460/2008 que visa o desenvolvimento da criança através de atividades de animação, salientando “(...) a importância do desenvolvimento de atividades de animação e de apoio às famílias na educação pré-escolar e de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico para o desenvolvimento das crianças e consequentemente para o sucesso escolar futuro (...)”.

Esta crescente preocupação do Ministério da Educação é visível através do *Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais*. Neste documento é possível perceber a importância dada às artes e as suas capacidades para desenvolver competências nas crianças. Desta forma, e segundo o mesmo, é possível verificar que,

As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspetivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive (Ministério da Educação, 2001, p. 149).

Juntamente com o surgimento das AEC, foram publicadas as *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico*, documento que serve como apoio à prática docente. Vasconcelos (2006), neste documento, refere que a música no 1.º Ciclo do Ensino Básico se baseia, essencialmente, em

atividades lúdicas, visto que as crianças, nestas idades aprendem fazendo, por conseguinte, estas atividades centram-se no canto, ligando o movimento e o corpo. Define ainda as finalidades do ensino da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico como,

Desenvolver competências de discriminação auditiva abrangendo diferentes códigos convenções e terminologias existentes nos mundos da música; Desenvolver competências vocais e instrumentos diversificados, tendo em conta diferentes épocas, estilos e culturas musicais do passado e do presente; Desenvolver competências criativas e de experimentação; Desenvolver competências transversais no âmbito da interligação da música com outras artes e áreas de saber; Desenvolver o pensamento musical (Vasconcelos, 2006, p. 6).

## **2.2 A prática musical conjunta**

Acredita-se que o ensino da prática musical conjunta tenha tido início na Europa e só posteriormente tenha sido levada para os Estados Unidos (Cruvinel, 2005). A prática musical pode ser individual ou conjunta, mas no que diz respeito às escolas do 1.º Ciclo habitualmente é conjunta.

A prática instrumental conjunta comporta diversos benefícios, e pode considerar-se agradável para quem a pratica. Por exemplo, segundo Gagnard (1971, pág.131), “Quando se põem nas mãos das crianças instrumentos de percussão, elas são tomadas imediatamente de uma espécie de frenesi (...)”.

Seguindo e reforçando a ideia anterior, segundo Oliveira, citado por Cruvinel (2005),

o aluno percebe que as suas dificuldades são compartilhadas pelos colegas, evitando desestímulos; o aluno se sente, logo no início dos estudos, participante de uma orquestra ou de um coral e, ao conseguir executar uma peça, sua motivação aumenta; o aspeto lúdico do ensino coletivo (desde que bem direcionado pelo professor) torna-se uma poderosa força, auxiliando um aprendizado seguro e estimulante; e por fim, a qualidade musical no estudo em grupo é muitas vezes superior se comparado ao individual, contribuindo para que o processo de aprendizagem seja acelerado (Cruvinel, 2005, p. 78).

Assim, é possível perceber que as crianças têm tudo para se sentirem mais estimuladas e mais à vontade na prática instrumental conjunta do que na individual. Desta forma, crianças que se sintam menos seguras na prática musical individual, podem sentir-se mais expostas e daí resultar uma desistência, desmotivação ou mesmo frustração.

Segundo Galindo, citado por Cruvinel (2005), os dois principais benefícios da prática musical conjunta consistem num maior incentivo por parte dos alunos que acaba por resultar num maior desenvolvimento dos mesmos. Por conseguinte, o aluno acaba por perceber que o seu problema não é apenas o “seu problema”, mas sim um problema partilhado por outros colegas, onde, ao analisar a dificuldade de um colega pode encontrar a resolução para a sua (Cruvinel, 2005).

Contudo, Moraes (1995), citado por Cruvinel (2005), salienta que, de todos os benefícios que a prática musical conjunta pode trazer para quem a pratica, o mais importante é o aumento da compreensão musical dos alunos, devido às diversas situações proporcionadas pelo conjunto, bem como a motivação e a competição de forma saudável (Cruvinel, 2005).

Desta forma, é possível concluir que a prática musical, devido à interação, e às experiências proporcionadas pela mesma, comporta diversos benefícios de interação social e de construção da personalidade. Contudo, Cruvinel (2005) salienta que

uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a auto-compreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo (Cruvinel, 2005, p. 80).

Para finalizar, é importante referenciar a ideia de Galindo, mencionado por Cruvinel (2005), onde o autor afirma que o ensino de música em grupo acaba por ser um agente de socialização, responsabilidade e solidariedade, devido às experiências que o mesmo proporciona ao grupo que o pratica.

### **3. Socialização/Integração da criança**

Segundo Clausen (1968), citado por P. W. Musgrave, os membros que constituem qualquer grupo social, independentemente do seu tamanho, aguardam um tipo de reação e comportamento dos que nele são acolhidos. Numa sociedade,

inicialmente, cabe ao pais procederem à preparação dos filhos para ingressarem na mesma. Por vezes, tomam esta atitude de forma inconsciente.

Musgrave (1979) salienta que o processo de socialização é de extrema importância, visto que, se for bem feito, ajuda na preparação e transição para o futuro. Contudo, o autor salienta a existência de quatro agentes essenciais para a socialização: a família, a escola, o grupo de colegas e os meios de comunicação de massa.

A grande parte dos comportamentos das crianças deriva do meio em que as mesmas se encontram: enquanto estão na escola, aprendem a comportar-se em função da mesma, e o mesmo se passa na família e em outros grupos sociais, ou seja, as crianças adotam comportamentos consoante os locais e respostas que lhes foram sendo dadas (Buckley & Walker, 1970).

Um dos meios de socialização mais influente na criança e no seu desenvolvimento é a escola e tudo o que faz parte integrante da mesma. Esta tem o papel, não só de transmissão de conhecimentos, mas também de permitir o contacto pessoal, bem como experiências diversas e apoio na formação da identidade individual das crianças.

É importante salientar que a escola influencia e é influenciada pela sociedade, segue as crenças e opiniões que giram em volta da mesma, de forma a responder e ir ao seu encontro. Segundo Sousa (2003), consoante um grupo vai evoluindo, as crianças que o constituem vão-se integrando na própria dinâmica interna, e desta forma vão desenvolvendo a sua capacidade de cooperação.

Neste sentido, é correto dizer que é nas atividades de grupo que a criança descobre que os outros pensam de maneira diferente da sua, que aprende a aceitar estas, a expressar as suas ideias de modo a fazer-se compreender pelos outros, passando do querer impor as suas ideias para a aceitação e apoio das ideias dos outros, mesmo quando não concordam com as suas, o que corresponde ao início do desenvolvimento das capacidades de cooperação, que poderão chegar ao altruísmo (Sousa, 2003, p. 78).

No Brasil, mais propriamente em São Paulo, nasceu um projeto, o *Projeto Guri*. Este projeto é bastante interessante e revela uma grande preocupação na integração e socialização das crianças. Segundo Nurimar Valsecchi, Coordenadora Artístico-Pedagógica do *Projeto Guri*, é importante a inclusão e socialização da criança, sendo a mesma possível de fazer através da música. Desta forma, este projeto visa a formação de orquestras-escola, corais e grupos musicais, com o intuito de permitir às crianças pensar, criar, agir e viver em sociedade, tendo como base a música.

A música acaba por ser um meio de comunicação entre a criança e o grupo no qual se insere.

### **III. Metodologia**

No presente capítulo será apresentada toda a informação referente à forma como decorreu o estudo e todas as decisões relacionadas com o mesmo. Segundo Coutinho (2011, p. 219), “o capítulo *Metodologia* destina-se a dar informação sobre os procedimentos gerais usados na pesquisa empírica, os instrumentos utilizados e relatar a maneira como os dados foram recolhidos”.

Assim, vamos aqui apresentar o plano de investigação, indicar os participantes do estudo, as técnicas e instrumentos de pesquisa, as atividades desenvolvidas e as técnicas de análise dos dados.

#### **1. Plano de Investigação**

Foi levado a cabo um Estudo de Caso destinado a perceber de que forma é que a prática musical influencia a criança no que diz respeito à socialização/integração.

Pode definir-se estudo de caso como um procedimento metodológico que incide na exploração intensiva de uma simples unidade de estudo, de um caso, que neste caso será um grupo de crianças, que frequenta o 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como as AEC. Desta forma, os estudos de caso são comparados a um modelo de análise de uma situação própria “tal modelo, flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização” (Pardal & Correia, 1995, p. 23).

O método de estudo de caso não tem como finalidade manipular variáveis ou estabelecer relações entre elas, mas, sim, descrever de uma forma concreta os comportamentos. É importante acima de tudo que o investigador escolha e delimite, previamente, o tipo de comportamento que pretende observar. Pode referir-se que o trabalho de campo, bem como a análise documental, são a base deste tipo de investigação (Freixo, 2009).

Assim sendo, será realizada uma investigação de carácter qualitativo tendo por base observações diretas não participantes, pesquisas e entrevistas semiestruturadas sobre a problemática em questão.

## **2. Participantes do estudo**

Os participantes do presente estudo são uma turma do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o professor da Atividade de Enriquecimento Curricular de Música e quatro professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico de um Agrupamento de Escolas da zona Norte/Centro do país. As observações tiveram lugar no horário em que se encontravam a decorrer as Atividades de Enriquecimento Curricular, ou seja, na parte final do dia.

A opção por este grupo deveu-se essencialmente às características desta faixa etária e ao facto de serem alunos com alguma perceção musical.

Porém, segundo Zenatti (1969), citado por Sousa (2003, p. 66),

É uma idade marcada por uma grande mobilidade da atividade perceptiva. A exploração polifónica revela-se mais precisa. As variações de tempo são acessíveis à maioria das crianças desta idade. Boa perceção melódica. A discriminação de uma mudança melódica é logo percebida se se verificou uma mudança no sistema tonal (Sousa, 2003, p. 66).

## **3. Técnicas e instrumentos de pesquisa**

Na realização deste estudo, as técnicas e instrumentos de pesquisa foram a observação direta, não participante, e entrevistas semiestruturadas. A observação direta não participante tem como função a recolha de dados, que posteriormente serão analisados, sem influenciar a amostra e o que está a ser trabalhado no momento. Desta forma, Luís Pardal e Eugénia Correia (1955) referem que “a observação, como técnica científica, isto é, planeada sistematicamente e passível de controlo, tem como função produzir informação requerida pela(s) hipótese(s) de trabalho prescrita pelos indicadores” (pág. 50). Segundo as ideias defendidas pelos autores anteriormente referenciados, na observação não participante o observador não passa de um mero espetador: vê, avalia e recolhe o que lhe é conveniente.

No que diz respeito à entrevista semiestruturada, a mesma terá como função a obtenção de mais informação relativamente ao objeto de estudo. Uma entrevista baseia-se essencialmente num diálogo entre, no mínimo, duas pessoas, com o intuito de obter informação relevante para o estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), “nas entrevistas semiestruturadas fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de

compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão” (pág. 135).

Assim, para a execução desta investigação foram desenvolvidas várias atividades em diferentes etapas: o pedido de autorização às entidades competentes para realização do estudo, nomeadamente à Direção Geral de Educação, Diretora do Agrupamento, professor da Atividade de Enriquecimento Curricular e Encarregados de Educação; elaboração de grelhas de observação; a observação de aulas; construção do guião de entrevistas; a realização de entrevistas; a análise e tratamento de dados; e o registo de conclusões obtidas.

Bogdan e Biklen (1994) definem como recolha de dados um procedimento de procura e organização dos mesmos, com o objetivo de perceber melhor o seu conteúdo. Assim, aquando da recolha de todos os dados necessários para o prosseguimento da investigação, todos eles serão analisados e interpretados em função do problema colocado.

Para tal, foi necessário efetuar a organização da informação recolhida, bem como de todos os documentos pesquisados. Depois dos dados organizados e analisados, pretende-se dar uma resposta à problemática.

## **IV. Apresentação dos dados**

### **1. Análise da informação empírica**

Neste capítulo será realizada uma análise e interpretação dos dados recolhidos ao longo do estudo, com as entrevistas semiestruturadas e as observações diretas não participantes. Recorreu-se a uma metodologia qualitativa, visto que a mesma era a mais adequada para recolher a informação de forma a dar resposta à problemática, devido às suas características, tais como a flexibilidade tanto nos métodos como nos processos de investigação. Foram ainda tidas em conta as estratégias de recolha e análise de dados. O método qualitativo, segundo Pardal e Correia (1995), beneficia pela análise de um caso particular.

### **2. Recolha de dados**

Após uma fase inicial de delimitação da presente investigação, o passo seguinte consistiu na recolha de dados que comporta um planeamento a curto prazo, bem como um conjunto de atividades que são essenciais para permitir encontrar e recolher a informação, ou seja a preparação dos instrumentos a utilizar ao longo da mesma. Assim, “são utilizadas múltiplas fontes de evidência ou dados por permitir por um lado, assegurar as diferentes perspetivas dos participantes no estudo e por outro, obter várias “medidas” do mesmo fenómeno, criando condições para uma triangulação dos dados, durante a fase de análise dos mesmos” (Coutinho, 2011, p. 299).

Neste caso, optámos por fazer a recolha de dados através da observação (direta, não participante), e de uma entrevista (semiestruturada). Com efeito, foram criadas grelhas de observação e guiões de entrevistas (anexos VII, VIII e IX), tendo em conta os objetivos do trabalho de investigação, de modo a encontrar respostas à problemática.

Optou-se pela observação direta, para a qual foi elaborada uma grelha própria para o efeito. Com o uso deste instrumento, foi possível registar informação sobre as atividades realizadas no decorrer da observação.

Em relação à forma de participação do investigador, a mesma caracteriza-se por observação não participante, tendo em conta que este não interveio no meio no qual se encontrava e apenas analisou o que se passou num contexto e os

fenómenos emergentes. No total foram efectuadas seis observações, duas por semana, no momento dedicado à AEC de Música. Contudo, houve uma quebra devido à interrupção letiva do 2.º período escolar.

Recorreu-se também à recolha de dados por entrevista, uma vez que “não se trata de um simples diálogo, mas, sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa” (Rosa & Arnoldi, 2008, p. 17). O tipo de entrevista selecionado assume a designação de entrevista semiestruturada, uma vez que, apesar da existência de um guião, os sujeitos inquiridos têm a oportunidade de verbalizar as suas opiniões e formas de pensamento em relação ao tema apresentado, este tipo de entrevista também se caracteriza pela sua profundidade e subjetividade (Rosa & Arnoldi, 2008; Carvalho, 2011). Desta forma, a entrevista permitiu fazer um levantamento de informação pertinente, sobre os conteúdos, e ajudou a perceber o pensamento dos sujeitos inquiridos.

Escolhidas as formas de recolha de dados, e elaborados os instrumentos respeitantes às mesmas, foi necessário fazer o pedido de autorização e aprovação dos instrumentos à entidade pública competente, a Direção Geral de Educação, bem como ao Agrupamento de Escolas em questão. Após a autorização e aprovação das entidades anteriormente referidas, foi necessário efetuar um pedido de consentimento informado (anexo X) aos encarregados de educação das quatro crianças que foram inquiridas. Foi igualmente efetuada uma abordagem pessoal com o docente da AEC de Música, bem como com os quatro docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico que foram inquiridos, os quais foram igualmente informados sobre o propósito da investigação.

Após o contacto com os diversos intervenientes, estes prontamente se mostraram disponíveis e receptivos ao estudo e a tudo o que posteriormente lhes foi solicitado.

Segundo Biasoli-Alves, citado por Rosa e Arnoldi (2008), é importante a elaboração de um guião de entrevista, contudo também é importante a forma de registo da mesma. No presente caso, optou-se por realizar uma gravação áudio. Assim, durante as entrevistas foi usado o computador que conseguiu captar a entrevista na íntegra, sendo posteriormente transcrita.

No total, foram realizadas nove entrevistas, quatro delas a crianças selecionadas pelo professor da AEC de Música em conjunto com a professora titular da turma, uma ao professor da AEC de Música da turma sobre a qual decorreu o estudo, e quatro entrevistas a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

### **3. Análise e interpretação dos dados**

Concluída a pesquisa e a recolha de dados para o presente estudo, é necessário proceder à sua análise e interpretação. Desta forma, pode perceber-se que “a análise é uma operação intelectual, que consiste na decomposição de um todo nas suas partes, com o propósito de fazer a descrição e procurar relações entre as partes” (Lessard-Hébert, 1996, p. 137). Contudo, a análise, por si só, é insuficiente, sendo necessário efetuar a interpretação dos dados “sempre no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade, o que significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer em profundidade certas afirmações/constatações aparentemente superficiais” (Coutinho, 2011, p. 196).

Neste estudo, todos os dados recolhidos resultaram das entrevistas semiestruturadas e das observações, que foram orientadas para um tipo de análise qualitativa, sobre a técnica de análise de conteúdo que “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1970, p. 38), permitindo, desta forma, realizar a inferência sobre os dados.

A recolha de dados, respeitante às observações, foi efetuada no momento reservado para a AEC de Música, durante dois dias por semana, à terça e à sexta-feira nos meses de março e abril de 2013. É relevante salientar, que houve a interrupção do 2.º período escolar entre as observações. No que se refere às entrevistas com as crianças, estas decorreram num intervalo da atividade letiva, da parte da manhã (é importante referir que as idades das crianças encontravam-se compreendidas entre os nove e onze anos de idade). No que diz respeito às entrevistas aos professores, estas foram realizadas depois das atividades letivas da parte da tarde.

#### **3.1 Categorias de codificação**

De forma a organizar e agrupar os dados recolhidos referentes ao estudo, procedeu-se à fase de codificação, da qual surgiram algumas categorias que decorrem dos dados recolhidos, tendo por objetivo responder à problemática.

Desde muito cedo o ser humano contacta com a categorização, iniciando esta prática na escola através do recorte, classificando e ordenando em exercícios simples referentes a esta mesma faixa etária (Bardin, 1970). Segundo Holsti, citado por Bardin (1970, p. 104), “a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são

transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo”.

Acaba por ser essencial, inicialmente, o investigador perceber de que forma pretende agrupar a informação para poder proceder à elaboração das categorias. De acordo com Berelson, citado por Ghiglione e Matalon (1977, p. 188) “os estudos serão produtivos na medida em que as categorias sejam claramente formuladas e bem adaptadas ao problema e ao conteúdo”.

Tendo em conta o que acabámos de descrever, e de forma a responder à problemática, foram criadas quatro categorias de codificação sendo elas, tal como é apresentado na Figura 1:



Figura 1 – Categorias de Codificação

### 3.1.1. Reações Comportamentais

A categoria “Reações Comportamentais” surgiu da necessidade de salientar os aspetos referentes à forma como as crianças reagem aquando da AEC de Música e de tudo o que a mesma comporta. Assim, nesta categoria estão evidenciados

todos os dados referentes às reações e comportamentos que englobam as reações físicas e emocionais das crianças quando colocadas em determinadas situações.

### **3.1.2. Prática Instrumental Conjunta**

Na categoria “Prática Instrumental Conjunta” incluem-se todos os dados relativos às crianças no momento da prática musical, desde sentimentos, gostos e opiniões relativas à mesma.

### **3.1.3. Socialização/Integração**

Todos os dados recolhidos, diretamente relacionados com a problemática da socialização e da integração são integradas nesta categoria, ou seja, tudo o que diz respeito à forma como as crianças se relacionam, interagem com os outros e são, ou não, aceites no grupo.

### **3.1.4. Parecer dos professores do 1.º CEB**

Para finalizar, esta categoria integra todos os dados relativos às posições dos sujeitos (adultos) inquiridos, no que diz respeito à música no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## **V. Análise e discussão dos dados**

### **1. Reações Comportamentais**

Nesta categoria encontram-se todos os dados relativos às reações comportamentais das crianças no decorrer das observações realizadas ao longo do estudo. Desta forma, fez-se o levantamento das diversas reações demonstradas pelas crianças quando estavam diretamente em contacto com a música.

As crianças ao longo da AEC de Música foram revelando diversas reações comportamentais maioritariamente positivas. Por conseguinte, foi possível observar reações faciais e corporais.

Tendo em conta a atividade em questão, e sendo a mesma lúdica, as crianças, habitualmente, ao entrar na sala, demonstravam alguma agitação e entusiasmo, bem como ansiedade pelo início da aula.

Inicialmente nota-se uma grande agitação nas crianças, o que demonstra que gostam da aula de música. (anexo I, pág. 60)

(..) as crianças, no geral, demonstraram imensa satisfação e contentamento pela aula de música. (anexo II, pág. 66)

No decorrer das atividades, no geral, as crianças foram demonstrando grande envolvimento e concentração, daí serem visíveis, muitas vezes, reações de felicidade, satisfação e orgulho pelo sucesso das mesmas.

As crianças levantam-se e demonstram bastante alegria e agitação, enquanto aguardam que o professor coloque o registo áudio das canções... após o professor valorizar a prestação das crianças, eles olham uns para os outros e é notório um certo orgulho pela mesma. (anexo I, pág. 60/62)

(...) o professor elogiou a prestação da turma, e as crianças de imediato reagiram com alegria através de sorrisos e comentários. (anexo V, pág. 75)

É também relevante a forma como as crianças reagem quando o professor se encontrava a expor uma atividade, ou a fazer uma observação, ficando bastante atentas e concentradas às indicações fornecidas pelo professor.

As crianças tomam atenção às indicações do professor, de forma a corrigir alguns erros. (anexo III, pág. 68)

As crianças ficam bastante calmas e com imensa atenção ao que o professor sugere. (anexo V, pág. 76)

Em relação à entoação de canções, as crianças manifestavam-se entusiasmadas e motivadas para esta atividade. A partir do momento em que o professor colocava o suporte áudio da canção, as crianças iam enriquecendo a mesma com coreografias e movimentos corporais. Era notório que as crianças gostavam de cantar e mimar canções, visto que, quando o faziam era por iniciativa própria acabando por ser uma reação imediata.

(...) as crianças solicitaram ao professor a entoação das canções para a Audição de Páscoa. (...) participam bastante motivadas e nota-se um grande empenho das mesmas. (anexo I, pág. 60/61)

(...) começam de imediato a dançar e na grande maioria, é visível a alegria nos seus rostos. (...) as crianças começam a conversar, outras a trautear as melodias das canções, demonstrando alegria e entusiasmo. (anexo III, pág. 69)

As crianças vão fazendo coreografias, demonstrando entusiasmo na canção. (...) vão baloiçando de um lado para o outro e batendo os pés. (anexo IV, pág. 71)

No final da AEC de Música, as crianças iam saindo, por vezes com tristeza por a aula ter terminado, outras entoando a canção aprendida.

Nas perguntas efetuadas às crianças, estas ressaltaram o facto de terem gosto pela AEC de Música e pela importância que a mesma tem nas suas vidas. Quando interrogadas acerca do sentimento que a música lhes provoca, na maioria destacaram sentimentos positivos, tais como a alegria e felicidade. Contudo, no geral também evidenciaram a importância de aprender na aula de música, desde canções a peças em flauta ou instrumental Orff.

Questionados os professores do 1.º CEB, estes também salientaram a manifestação de reações de alegria e satisfação, quando foram confrontados com a pergunta relacionada com os sentimentos que as crianças demonstravam perante o tema “música”.

## 2. Prática Instrumental Conjunta

Tendo em conta as opiniões das crianças em relação à música e as observações efetuadas, foi possível perceber que a prática instrumental tem um especial relevo no decorrer da AEC de Música.

Ao longo das observações ficou perceptível que as crianças salientam esta prática e demonstram bastante interesse e motivação em relação à mesma.

Desta forma, quando inquirido, o professor da AEC de Música salientou que, em relação à prática musical, as crianças se encontram sempre muito motivadas e concentradas, de forma a aperfeiçoar o seu trabalho naquele momento específico.

Elas estão sempre muito, muito concentradas e muito espertas para fazer mais e melhor. (anexo XI, pág. 93)

Todos os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, quando questionados em relação à prática instrumental conjunta, referem que a mesma é importante para o desenvolvimento da criança a nível motor, bem como para a aquisição de valores sociais e para o despertar de gostos relacionados com esta arte.

A nível de destreza, motricidade, coordenação motora. Saber respeitar, saber trabalhar em grupo e saber ouvir, principalmente. (anexo XII, pág. 110)

O facto de eles estarem num grupo, a tocar determinada peça pequenina, na flauta...faz com que eles captem e estejam com atenção a eles e ao grande grupo. (anexo XII, pág. 106)

(...) torna-os mais unidos, mais grupo. Aquele sentimento de turma. (anexo XII, pág. 98)

As crianças, quando inquiridas, também salientaram a preferência pela prática instrumental conjunta ao invés da individual, visto que esta poderá colmatar algumas dificuldades sentidas.

Prefiro que toquemos todos juntos. (anexo XIII, pág. 120)

Porque assim ficamos todos felizes porque tocamos em conjunto, tocamos bem. (anexo XIII, pág. 115)

Aquando das observações, salientou-se o companheirismo e a entreatajuda entre o grupo. Quando alguém apresentava algum tipo de dificuldade no momento da prática instrumental conjunta, o professor raramente solicitou cooperação para essa criança, no sentido de a apoiar, visto que os restantes colegas se ofereciam para ajudar a colmatar essa mesma dificuldade.

Há entreatajuda entre as crianças, uns dependem dos outros para o sucesso do exercício proposto. Uma criança encontrava-se perdida, no decorrer de uma peça, e de imediato outra criança a auxiliou, sem ser necessário o professor intervir. (anexo II, pág. 65)

Com as situações anteriormente descritas, é notória a importância atribuída à prática instrumental conjunta por todos os participantes do estudo. Com efeito, evidenciaram-se essencialmente as atividades que envolveram a flauta de bisel e o Instrumental Orff.

### **3. Socialização/Integração**

No que concerne à categoria socialização/integração, ao longo das observações e entrevistas realizadas às crianças e ao professor da Atividade de Enriquecimento Curricular de Música, foi possível perceber que no geral o grupo se relaciona bem, subsistindo apenas uns pequenos conflitos durante o intervalo escolar.

Alguns. Às vezes lutam uns contra os outros, às vezes. (anexo XIII, 114/115)

Sim, às vezes com alguns conflitos. Quando andam no futebol e alguém se aleija, um culpa o outro, só às vezes. Mas são todos meus amigos. (anexo XIII, pág. 117)

No que diz respeito ao tempo no qual decorre a AEC, é possível perceber que as crianças quando se deparam com algum tipo de dificuldade tentam colmatá-la, o que por vezes não é fácil de fazer sozinhas. Desta forma, leva a que, por vezes, seja necessária a intervenção do professor para incentivar o grupo à entreatajuda. No entanto, algumas crianças reagem de imediato e com naturalidade, e prestam auxílio a quem carece deste. Com este conjunto de atitudes observadas é perceptível a iniciativa própria por parte das crianças, bem como o companheirismo existente entre o grupo enquanto se encontra a decorrer a AEC de Música.

(...) algumas crianças demonstram dificuldades e, desta forma, o professor solicitou a ajuda de outras. De imediato, surgiram da parte das crianças proposta para apoiar quem apresentava dificuldades. (anexo II, pág. 64)

Uma criança encontrava-se perdida, no decorrer da peça. Instantaneamente outra criança a auxiliou sem ser necessária a intervenção do professor. (anexo II, pág. 65)

A meio da peça o professor apercebe-se que uma criança está com dificuldades em acompanhar, e para o áudio. Desta forma, questiona-a se não precisa de ajuda e se está a conseguir acompanhar. Ela responde que não é fácil e que se perdeu. De imediato, as restantes crianças se auto propõem para a ajudar. Nota-se que há companheirismo e que algumas crianças se tentam apoiar umas às outras quando surgem dificuldades. (anexo V, pág. 76)

Por norma, elas próprias tomam a iniciativa. Por vezes, é necessário, em alguns casos onde haja maior isolamento, que seja o professor a iniciar essas atitudes e a incentivar. (anexo XI, pág. 93)

Quando os professores foram questionados em relação à socialização/integração das crianças, de uma forma unânime mencionaram que a música tem um papel influente neste processo. No 1.º CEB esta arte é vista como um trabalho de grupo que transfere valores e princípios às crianças, tais como a partilha e o respeito. Também ajuda a que a criança se sinta à vontade, que se desiniba e que não se isole. Tendo em conta o referenciado anteriormente, cabe ao professor adotar estratégias de forma a valorizar e proporcionar momentos de interação entre as crianças.

(...) a música é vista como um trabalho de grupo, e logo aí, como trabalho de grupo que é, eu acho que pode haver partilha, pode haver entreajuda. O professor é o ator principal, ou seja, ele deve pensar a tarefa, as estratégias de forma a que um aluno que tenha problemas de socialização seja valorizado e seja mais integrado. (anexo XI, pág. 92)

(...) ajuda-os a orientarem-se pelos outros, por vezes respeitar a parte da criatividade e há uma interajuda entre eles, os elementos do grupo. (anexo XII, pág. 110)

(...) pensando em crianças que são menos capazes, ou que estão ainda num estágio de desenvolvimento inferior, vão gradualmente integrando-se no grupo que tem mais facilidades, digamos assim, em termos de aprendizagem, gradualmente vão entrando, vão tocando. Começam a tocar nas partes em que eles conseguem e devagarinho vão colmatando as suas dificuldades e vão sentindo que “eu sou capaz” (...). (anexo XII, pág. 99)

Desta forma, é possível constatar que existe uma preocupação para que o grupo se sinta bem, e que a prática de música, devido à sua característica de

trabalho em grupo neste ciclo de ensino, contribuiu para que as crianças sejam aceites e que se sintam integradas no grupo ao qual pertencem.

#### **4. Parecer dos Professores do 1.º CEB**

Dois dos professores do 1.º CEB entrevistados, numa fase inicial, quando foram confrontados com o surgimento das AEC ficaram um pouco apreensivos, uma vez que estas iriam interferir no horário letivo das crianças e poderiam influenciar o seu rendimento devido à excessiva carga horária semanal. Porém, com o passar do tempo e ao verem o tipo de trabalho desenvolvido nestas atividades, foram modificando as suas opiniões e começaram a encarar estas atividades como um espaço de ajuda e apoio ao desenvolvimento das crianças.

Na altura em que elas foram implementadas, eu fui uma das pessoas que achava que as crianças iam estar sobrecarregadas com o horário, seriam muitas horas na escola, e que isso não seria uma coisa boa. (...) Vi que havia motivação das crianças para as atividades e vi a potencialidade das disciplinas em si. Portanto, aquilo que podiam desenvolver, o que é que podiam ajudar nas crianças. (anexo XII, pág. 96)

(...) eu já acharia que seria muito benéfico. O único entrave seria o horário, que poderia implicar ou nas nossas atividades, ou ser muito exaustivo para as crianças. (anexo XII, pág. 101)

Contrariamente, os restantes dois professores do 1.º CEB entrevistados salientaram que quando souberam da implementação das AEC, viram as mesmas como uma mais valia para as crianças. Desta forma, a AEC de Música veio corrigir alguns dos problemas sentidos neste ciclo de ensino, tais como, a falta de tempo, devido à obrigatoriedade no cumprimento do programa e pouca formação nesta área.

No início não sabíamos o que é que ia ser. Depois de percebermos como trabalham, neste caso... as coisas sempre funcionaram muito bem, achamos sempre que foi, no meu caso achei sempre que foi uma mais valia para as crianças. (anexo XII, pág. 105)

Foi uma opinião pessoal otimista e pensando que seria uma mais valia para o enriquecimento das crianças, para a cultura delas. (anexo XII, pág. 109)

Em relação à importância da música neste ciclo de ensino, foi possível perceber que todos os entrevistados a consideram importante, e que contribui para o desenvolvimento da criança a nível motor, pessoal e emocional. Assim, também foram salientados benefícios que o contacto com esta arte lhes pode trazer, tais como o raciocínio, concentração, motivação, conhecimento da língua, desinibição e socialização.

(...) com a música conseguem viver situações de alegria e felicidade, porque a música inspira muito o desenvolvimento de sentimentos e de emoções. (anexo XII, pág. 96)

Eu acho que os benefícios que a música pode trazer às crianças são vários, pode ser a nível da socialização, a criança poder interagir, socializar. Por outro lado também pode ser importante em termos da motivação das crianças, porque há crianças que são inibidas, ou porque têm um contexto familiar difícil, ou por qualquer outro motivo, porque há crianças que são muito mais reservadas. Mesmo em termos da Língua Portuguesa, conhecimento de novas palavras. Enfim, a música pode servir para tudo, para trabalhar as sílabas, pode servir para tudo. (anexo XII, pág. 97)

(...) a nível da socialização, a nível de eles se tornarem mais confiantes, a forma como se relacionam com os outros, a partilha. (anexo XII, pág. 105)

A parte da atenção, concentração e socialização. (anexo XII, pág. 106)

(...) a desinibição, articularem e conversarem melhor, aplicarem novo vocabulário e até a nível da movimentação, motricidades, acho que os torna mais flexíveis nesse aspeto. (anexo XII, pág. 109)

Contudo, esta convivência com a música também pode despertar na criança motivação para frequentar outras instituições relacionadas com esta, tais como conservatórios e filarmónicas de forma a aprofundar conhecimentos e a melhorar a sua prestação nesta arte.

No momento em que os professores foram questionados em relação ao recurso à música durante a sua prática letiva, estes referiam que por vezes, a trabalham, utilizando apenas o canto como forma de interligação de saberes. Esta situação deve-se ao facto da existência desta AEC, bem como à falta de formação e o tempo para cumprimento do programa do 1.º CEB.

(...) dentro das minhas próprias limitações tento recorrer. (...) mas de qualquer forma temos outras Expressões como a Musical, a Dramática, temos a Física, a Plástica, são muitas Expressões, o que acaba por ficar tudo muito diluído. Agora, tento sempre trabalhar essa parte, mas também tento saber mais ou menos o que está a ser feito em termo de AEC para conseguir de certa

forma, também na minha aula, de vez em quando ir ao encontro da mesma. (anexo XII, pág. 97)

Às vezes, para fazer a ligação com temas que estou a dar, basicamente isso. (anexo XII, pág. 101)

Habitualmente, como nós não temos grande tempo e sabemos que os professores das AEC também trabalham essa parte, mais umas músicas, cantar, cantar alguma canção que tenha a ver com algum tema que esteja a trabalhar, como meio de interligação entre uma área que estamos a trabalhar: Estudo do Meio, Português, mas mais Estudo do Meio. (anexo XII, pág. 105/106)

Analisando as diversas citações anteriores, é possível conceber que os professores do 1.º CEB têm uma opinião favorável em relação à AEC de Música, a qual fundamentam com os benefícios que esta traz às crianças, como o respeito e o saber ouvir. Todavia, esta Expressão acaba por ser colocada de lado porque é necessário cumprir o programa, e por considerarem que há pouca formação (o que acaba por condicionar este trabalho e os leva a recorrer apenas à entoação de canções, deixando de parte a prática instrumental e a leitura musical).

## VI. Conclusão

A presente investigação surgiu com a intenção de perceber de que forma é que a prática musical conjunta pode contribuir para a socialização/integração da criança. Por conseguinte, foram estabelecidos objetivos de forma a apoiar e estruturar a resposta à problemática inventariada.

A realização desta investigação compreendeu diversas fases até chegar à conclusão, sendo a primeira a do enquadramento teórico, sucedida pela revisão da literatura, pela metodologia adotada em função do estudo e pela apresentação e discussão dos dados recolhidos. Desta forma, foram criadas quatro categorias, baseadas nos objetivos estabelecidos na fase inicial.

Como se abordou inicialmente, o objetivo primordial da presente investigação é averiguar de que forma é que a prática musical conjunta, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida. De forma a responder a este objetivo, optou-se por fazer um estudo de caso, para o qual se selecionou um grupo de crianças do 4.º ano de escolaridade, para serem observadas e entrevistadas, bem como um grupo de professores que foram apenas entrevistados. Assim, foram efetuados os pedidos de autorização às várias entidades competentes, bem como aos encarregados de educação, não havendo qualquer tipo de objeção da parte destes. Foram também estabelecidos três objetivos, de forma a apoiar a resposta à problemática, a saber: perceber as reações das crianças no momento da prática musical; compreender de que forma é que a prática musical conjunta, poderá contribuir para a socialização do grupo; conhecer a opinião dos professores do 1.º CEB em relação à prática musical.

Após a recolha de dados, e como forma de organizar a informação contida nos instrumentos utilizados na investigação, foram criadas, em função dos objetivos estabelecidos, quatro categorias: Reações Comportamentais, Prática Instrumental Conjunta, Socialização/Integração, Parecer dos Professores do 1.º CEB.

Como foi possível verificar, a partir da análise e interpretação dos dados, a música contribui de uma forma positiva para o desenvolvimento de competências nas crianças, tanto na sua vida pessoal e social, como escolar. É igualmente correto referir que a Expressão Musical traz diversos benefícios às crianças e permite-lhe desenvolver diversas capacidades.

Ao longo da recolha de dados, foi perceptível a forma positiva como as crianças reagem a esta atividade, na qual, habitualmente evidenciam bem-estar, felicidade e satisfação. Por conseguinte, e tendo em conta estas manifestações,

pode concluir-se que as crianças gostam e sentem prazer quando se encontram em contacto com a música. Aquando da entrada na sala de atividade, era possível observar o contentamento das crianças, nos seus rostos, e quando terminava a atividade, as crianças saíam a entoar as canções ou as peças aprendidas naquele dia. Desta forma, a música acaba por ser considerada um meio que permite às crianças o desenvolvimento e a exteriorização de emoções e sensações.

No que se refere à prática instrumental conjunta, a mesma acaba por ser benéfica e permitir à criança trabalhar em grupo e desenvolver capacidades sociais, tais como a partilha, a interajuda, o respeito mútuo e o saber ouvir. É de salientar que estas demonstram maior interesse pela prática instrumental conjunta, revelando que assim podem aprender com outros colegas que detêm mais facilidades nesta prática, e até mesmo ajudar quem necessita. Por conseguinte, a prática instrumental conjunta acaba por estar diretamente relacionada com a socialização/integração das crianças, visto ser um trabalho em grupo que permite ter contacto com a turma, onde existem vivências e opiniões distintas.

Assim, é igualmente possível constatar que há preocupação da parte do professor da AEC de Música para colocar as crianças à vontade de modo a que se sintam envolvidas no grupo. Desta forma, este tem como objetivo, através da prática em grupo e tendo em consideração a integração das crianças, incutir-lhes o companheirismo, o que as leva a ter reações espontâneas de auxílio para com os colegas que apresentam dificuldades, os quais acabam por se sentir mais envolvidos no grupo.

Os professores do 1.º CEB têm uma opinião muito favorável em relação a esta atividade e à forma como esta é abordada na AEC de Música. Assim, salientaram as potencialidades da música para ajudar na construção da personalidade da criança, bem como no desenvolvimento de capacidades que posteriormente se enquadram, também, nas suas atividades letivas. É essencial destacar que também abordaram a influência da música na socialização/integração das crianças, visto considerarem esta atividade como promotora de convívio, o que acaba por não permitir o seu isolamento.

Estes resultados permitiram perceber que o contacto da criança com a música, no 1.º CEB, ajuda a que esta se integre no grupo de uma forma mais fácil e benéfica para ambos, visto a principal característica, neste caso, ser o trabalho em grande grupo e a existência de uma preocupação para que as crianças se sintam bem, tal como a motivação da parte das crianças.

É possível concluir que as atividades desenvolvidas durante a AEC de Música têm um impacto bastante positivo na criança.

## **Conclusão Geral**

Concluído o período de aprendizagens proporcionadas pela unidade curricular de PES (I,II,III), e por todas as unidades curriculares do plano de estudos do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é fundamental realizar um momento de reflexão acerca de todos os aspetos pertinentes e que merecem distinção.

Desta forma, é importante referir que todos os momentos proporcionados permitiram um crescimento pessoal e profissional, foram bastante enriquecedores e possibilitaram o contacto com diversas situações. Daí, a passagem pelos dois contextos no decorrer da PES II e PES III, ter sido fundamental para aperfeiçoamento próprio e na adoção de estratégias, metodologias de ensino, na reflexão das dificuldades que foram surgindo, bem como no contacto com os diversos intervenientes.

Ao longo do estágio, foi-me possível perceber e integrar nos diversos contextos e de tudo o que deles fazia parte, bem como do aperfeiçoamento e aquisição de competências de forma a obter um bom desempenho profissional. Assim, foi importante manter uma postura construtiva, crítica, e acima de tudo conseguir refletir em relação aos pontos positivos e negativos, de forma a melhorar a prática.

No decorrer de todo este período, e passando pelos vários contextos, tomei como prioridade colocar as crianças no centro do processo, respondendo às suas necessidades e gostos.

Na educação pré-escolar, é pertinente referir que tive como objetivo fundamental envolver as crianças na construção do próprio currículo e responder às suas necessidades, opiniões, gostos e prazeres, bem como criar um ambiente favorável e rico em experiências de aprendizagem. As opções educativas nunca eram adotadas sem ouvir a opinião e parecer das crianças. Neste nível, adotei estratégias que tinham como objetivo principal a preparação das crianças para o mundo que as rodeia, bem como para a sociedade na qual se encontram inseridas, tendo sempre um papel ativo na construção das suas próprias aprendizagens. Assim, a atitude que adotei foi a de proporcionar experiências às crianças de forma a implicá-las na construção do seu próprio conhecimento.

A educação pré-escolar também acaba por ser uma preparação para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que o educador acaba por ter um papel preponderante na preparação da passagem das crianças para o nível seguinte.

No que diz respeito ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, o contexto no qual foi desenvolvido o estágio acabou por ser uma experiência diferente, devido à diferença de situação em si e dos intervenientes no mesmo. É importante permitir à criança a construção do seu currículo, integrá-la na sua própria aprendizagem, e para isso é necessário adotar estratégias e idealizar tarefas de forma a ir ao encontro do principal ator da educação, a criança. Esta foi uma atitude que adotei, tendo sempre em atenção os interesses e gostos demonstrados pelas crianças ao longo das diversas dinamizações.

Desta forma, a escola e os intervenientes da ação educativa, acabam por ter um papel preponderante na criação de um ambiente suficientemente rico para a criança, que a faça afirmar a sua personalidade e a apoie na sua integração social e até mesmo profissional. Por conseguinte, as crianças acabam por ver respostas às suas necessidades e interesses.

Abordando a realidade dos dois contextos, considero que adotei uma atitude ativa e de forma a responder sempre às crianças, valorizá-las e colocá-las no centro da aprendizagem. Estas atitudes adotadas levaram a que estas experiências me proporcionassem ocasiões bastante enriquecedoras e que me fizeram ter um enorme crescimento pessoal, social e profissional.

Em relação à investigação, considero que a mesma foi fundamental, visto que me proporcionou experiências bastante ricas, o desenvolvimento de capacidades que acabam por complementar o trabalho realizado no decurso do mestrado, bem como a atitude de investigador que o educador/professor deve adotar ao longo da sua atividade profissional. Assim, tentei perceber de que forma é que a prática musical conjunta pode ser um fator de socialização/integração da criança, em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, foi possível obter respostas, analisar e tirar conclusões, não generalizáveis, visto que se trata de um estudo de caso, em relação à reação, à atitude e aceitação das crianças quando se encontram em contacto com a música no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta investigação conduziu a um momento de observação e reflexão acerca da música no 1.º CEB, tendo em conta a criança, as suas reações e os benefícios que a música lhe pode proporcionar. O mesmo acabou por me permitir um contacto com uma forma de trabalho que até ao momento me era desconhecida, na prática, mas que se tornou bastante produtiva e interessante, algo que considero como um apoio no futuro.

Para finalizar, creio ser importante dar seguimento à formação enquanto futura profissional da educação, tentando sempre atualizar-me e adotar estratégias de forma a melhorar a prática e a proporcionar o bem-estar das crianças.

## Bibliografia

- Bardin, L. (1970). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, Lda.
- Branco, J. F. (1995). *História da Música Portuguesa*. Lisboa: Publicações: Europa - América.
- Buckley, N. K., & Walker, H. M. (1970). *Como modificar o comportamento em classe*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Carvalho, R. d. (2011). *História do ensino em Portugal* (5ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chiglione, R., & Matalon, B. (1977). *O Inquérito - Teoria e Prática*. Paris: Armand Colin.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Cruvinel, F. M. (2005). *Educação musical e transformação social - uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Wolnwy Unes.
- Freixo, M. J. (2009). Metodologia Científica. Fundamentos, Métodos e Técnicas. In M. J. Freixo. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gagnard, M. (1971). *Iniciação Musical dos Jovens*. Editorial Estampa, Lda.
- Katz, L., & Chard, S. (2009). *A Abordagem por Projectos na Educação de Infância* (2.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard-Hébert, M. (1996). *Pesquisa em Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ministério da Educação. (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Northway, M. L., & Weld, L. (n.d.) *Testes Sociométricos*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Rosa, M. V., & Arnoldi, M. A. (2008). *A entrevista na pesquisa qualitativa - Mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Santos, A. S. (2008). *Mediações Arteducacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação* (Vol. 3º). Lisboa: Instituto Piaget.
- Tomás, A. P. (2010). *O corpo na linguagem performativa*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade da Madeira, Madeira.
- Vasconcelos, A. Â. (2006). *Ensino da Música, 1.º Ciclo do Ensino Básico - Orientações Programáticas*. Lisboa : Ministério da Educação.

## **Legislação**

- Portugal, Lisboa, Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto – Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e Professor do 1.º Ciclo. *Diário da República, n.º 201/2001 – I Série*

## Anexos

## Anexo I – Registo de observação n.º 1

### Registo de observação

#### Observação n.º 1

|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| <b>Data:</b> 1 de Março de 2013    | <b>Duração:</b> 45 minutos                    |
| <b>Hora:</b> 15h30m até 16h15m     | <b>Turma/N.º de alunos:</b> 4.º C / 19 alunos |
| <b>Local da aula:</b> Sala de aula |   |

| Objetivos   |   |
|---|---|
| Perceber as reações das crianças no momento da prática musical.   | X |
| Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização do grupo. | X |

| Organização do grupo |   |              |   |
|----------------------|---|--------------|---|
| Individual           |   | Grande grupo | X |
| Pares                | X | Outra        |   |

| Descrição da Observação |   |   |
|-------------------------|---|---|
| Tempo                   | Descrição   | Observações   |
| 15:30                   | <p>O professor inicia a aula a relembrar a importância de tocar e saber as peças para a Audição de Páscoa. Assim, inicia-se então a primeira peça para flauta de bisel, intitulada “Metálico”.</p> <p><b>Professor</b> - <i>Correu muito bem.</i></p> <p><b>Aluno</b> - <i>Nós gostamos muito de tocar flauta, por isso estudamos.</i></p> <p>Os alunos demonstram bastante entusiasmo enquanto tocam esta peça.</p> <p>Quando acabaram a peça, pediram de imediato ao professor para voltarem a repetir.</p> | <p>Inicialmente nota-se uma grande agitação nas crianças, aparentemente, demonstram que gostam da aula de música.</p> |
| 15:45                   | <p>O professor consentiu e voltaram a repetir a peça, novamente.</p> <p>De seguida, as crianças solicitaram ao professor a entoação das canções para a Audição de Páscoa.</p> <p>O professor aceitou esta proposta e pediu às crianças para se levantarem das suas cadeiras e se manterem de pé, de forma a estarem mais “livres”.</p>  | <p>Realçaram um grande envolvimento e concentração, quando se encontravam a interpretar as peças em flauta.</p>       |
| 15:50                   | <p>As crianças levantam-se e demonstram bastante alegria e agitação, enquanto aguardam que o professor coloque o áudio das canções, de forma a auxiliar as crianças.</p> <p>Inicia-se então a primeira canção, intitulada “Páscoa Original”.</p> <p>As crianças começam a cantar, e ao longo da canção vão mimando a mesma com gestos e coreografias.</p>   |   |
| 15:55                   | <p>Após o final da canção, o professor refere que é importante cantar.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Vamos voltar a repetir esta canção, mas agora vocês vão ter de cantar “para fora”, sem medo.</i></p> <p>Acaba a entoação da canção anterior, e começa outra, denominada de “Esconderijos”. Esta canção</p>  |   |

|                     |   |  |
|---------------------|---|--|
|                     | <p>decorre nos mesmos moldes da anterior. As crianças sentem-se bem a cantar a mesma, o que é perceptível através da sua postura e reações.</p> <p>A meio da música o professor coloca a mesma em pausa.</p> <p><b>Professor</b> - <i>Esta parte é um bocadinho difícil, quando começa esta quadra temos de cantar todos.</i></p> <p><b>Aluno</b> - <i>Quantos tempos temos de esperar?</i></p> <p><b>Professor</b> - <i>Vamos ouvir e contar, então.</i></p>   |  |
| <p><b>16:05</b></p> | <p>O professor volta a colocar a canção e quando chega ao ponto considerado difícil, começa a contar em voz alta.</p> <p><b>Professor</b> - <i>São oito tempos que temos de esperar. Vamos colocar outra vez a canção para ver se já conseguimos cantar bem.</i></p> <p>Coloca-se novamente o suporte áudio. Quando se chega àquela parte da canção, o professor conta os tempos em voz alta de forma a apoiar os alunos.</p> <p>Inicia-se outra canção, intitulada “Partilhar”.</p> <p><b>16:10</b></p> <p>As crianças cantam, e mimam a canção, que já conheciam de aulas anteriores.</p> <p>Participam bastante motivadas e nota-se um grande empenho das mesmas.</p> <p><b>Professor</b> - <i>Agora no eco da canção, fazem só as meninas, pode ser?</i></p> <p><b>Aluno</b> - <i>Que bom, vamos cantar a parte gira.</i></p> <p><b>Professor</b> - <i>Não se esqueçam que só no final do refrão, quando ele repete novamente, é que vocês fazem o eco.</i></p> <p>Inicia-se novamente a canção e o grupo canta com bastante entusiasmo e envolvimento na mesma.</p> <p><b>Professor</b> - <i>Boa cantaram muito bem.</i></p> | <p>Ao longo da aula, durante a entoação das canções, notou-se uma grande</p> |

|                     |   |  |
|---------------------|---|--|
| <p><b>16:15</b></p> | <p>Após o professor valorizar a prestação das crianças, eles olham uns para os outros. É notório um certo orgulhoso pela mesma.</p> <p>Por fim, acaba a aula e as crianças saem da sala de aula a cantarolar as canções aprendidas na aula de música.</p> | <p>entrajuda entre eles e mesmo união, de forma a serem bem sucedidos.</p> <p>Mostraram alegria, satisfação e entusiasmo, bem como interesse em aprender mais.</p> |
|---------------------|---|--|

**Anexo II – Registo de observação n.º 2****Registo de observação****Observação n.º 2**

|                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| <b>Data:</b> 5 de Março de 2013      | <b>Duração:</b> 45 minutos                   |
| <b>Hora:</b> 16h45m até 17h30m       | <b>Turma/Nº de alunos:</b> 4.º C / 19 alunos |
| <b>Local da aula:</b> Sala de música |  |

| <b>Objetivos</b>  |   |
|---|---|
| Perceber as reações das crianças no momento da prática musical.   | X |
| Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização do grupo. | X |

| <b>Organização do grupo</b> |   |              |   |
|-----------------------------|---|--------------|---|
| Individual                  |   | Grande grupo | X |
| Pares                       | X | Outra        |   |

| Descrição da Observação |   |   |
|-------------------------|---|---|
| Tempo                   | Descrição   | Observações   |
| 16:50                   | <p>O professor começa por distribuir o grupo pelos vários instrumentos (instrumental Orff e Percussão). De seguida, procede à explicação da atividade que pretende fazer com a turma.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Com a nota Dó e com as duas mãos, vamos começar por tocar semibreves.</i></p> <p>Inicia-se a atividade.</p> <p>Posteriormente, o professor opta por dividir o grupo. Os Metalofones e Xilofones Baixos fazem as semibreves, os Metalofones e Xilofones Contralto tocam mínimas, com a mesma nota, Dó.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Vamos então só ouvir quem tem figuras diferentes.</i></p> <p>Os alunos tocaram, e de seguida o professor salientou a boa prestação dos mesmos.</p> <p>De seguida o professor solicita que todos toquem as semibreves, o que tinha sido referido inicialmente, excepto os Metalofones e Xilofones Contralto, que iriam então tocar as mínimas.</p> | <p>As crianças demonstram entusiasmo e envolvimento na atividade proposta pelo professor.</p> |
| 17:00                   | <p>Quando se iniciou este exercício, algumas crianças demonstraram dificuldades e, desta forma, o professor solicitou a ajuda de outras. De imediato surgiram, da parte das crianças, propostas para apoiar quem apresentava dificuldades.</p> <p>Os alunos colocaram-se junto de quem sentiu dificuldades, e assim, o exercício anterior repetiu-se e com o apoio dos colegas, já correu melhor.</p>   | <p>É notório que, no geral, há boa relação e apoio entre o grupo.</p>                         |
| 17:05                   | <p><b>Professor</b> – <i>Agora vamos dificultar um bocadinho as coisas. Os Xilofones e Metalofones Sopranos tocam as notas Mi e Sol com semínimas, mas de forma alternada, ou seja, não se tocam ao mesmo tempo. Começamos com a nota Mi e depois Sol, um tempo a cada uma.</i></p> <p>Dá-se início ao exercício, com o professor a ajudar,</p>   |   |

|                     |  |   |
|---------------------|--|---|
| <p><b>17:10</b></p> | <p>lendo o exercício em voz alta, juntamente com os colegas que se encontravam a prestar apoio a quem apresentava mais dificuldades.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Agora vamos fazer uma mínima com um ponto de aumentação. O que é um ponto de aumentação? Alguém se lembra?</i></p> <p><b>Aluno</b> – <i>O ponto aumenta metade da nota antes.</i></p> <p><b>Aluno</b> – <i>Pois, então tem três tempos.</i></p> <p><b>Professor</b> – <i>Isso mesmo. Então agora o Jogo de Sinos faz uma mínima com ponto de aumentação e uma semínima, ou seja, Tá-á-á Tá.</i></p>  |   |
| <p><b>17:20</b></p> | <p>Iniciou-se o exercício, e apesar da dificuldade, as crianças que se encontravam a apoiar ajudaram bastante as restantes.</p> <p>De seguida, o professor sugere a junção dos Baixos que se encontravam a fazer as semibreves.</p> <p>Por fim, o professor solicita a junção de todos os instrumentos, cada um com o seu exercício. Terminado o exercício e felicita os alunos pelo sucesso no mesmo.</p> <p>De seguida, o professor sugere aos alunos, a execução de uma peça para instrumental Orff, Flauta de Bisel e Percussão (maracas, clavas e triângulo), intitulada “Lembras-te”.</p> <p>Assim, o grupo posiciona-se nos seus lugares, demonstrando bastante entusiasmo e ansiedade para executarem esta peça.</p> <p>O professor coloca o suporte áudio, instrumental, e inicia-se a peça.</p> <p>Uma criança encontrava-se perdida, no decorrer da peça. Instantaneamente outra criança a auxiliou, sem ser necessária a intervenção do professor.</p> | <p>Há entreaajuda entre as crianças. Eles conseguem perceber que uns dependem dos outros para o sucesso do exercício proposto pelo professor.</p> |
| <p><b>17:25</b></p> | <p>De seguida, o professor para o áudio, de forma a dar indicações às crianças que se encontravam na percussão.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Atenção ao tempo, têm que ouvir muito bem.</i></p>  |   |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  | <p>O professor exemplifica da forma como o aluno fez, e de seguida, a forma correta.</p> <p>Após este momento, as crianças encontram-se bastante concentradas e envolvidas na execução da peça.</p> <p>Terminada a peça, o professor refere que apenas quer ouvir o instrumental Orff e as Flautas de Bisel, de forma a que se consigam ouvir, visto que, por vezes ficam desencontradas.</p> <p>O professor coloca novamente o áudio e tocam então apenas as flautas e o instrumental Orff, como solicitado.</p> <p>Terminada a peça, o professor sugere a junção de todos, e novamente a execução da mesma.</p> <p><b><u>Professor</u></b> – <i>Muito bem, correu bem.</i></p> <p>As crianças demonstram satisfação.</p> <p><b><u>Aluno</u></b> – <i>Pois professor, ficou muito gira a música “Lembras-te”.</i></p> <p>Por fim, as crianças, no geral, demonstraram imensa satisfação e contentamento pela aula de música.</p> | <p>Ao longo da aula, foi visível, através das reações das crianças, bastante união, alegria e entusiasmo.</p> |
|--|---|---|

**Anexo III – Registo de observação n.º 3**

**Registo de observação**

**Observação n.º 3**

|                                    |   |
|------------------------------------|---|
| <b>Data:</b> 12 de Março de 2013   | <b>Duração:</b> 45 minutos                    |
| <b>Hora:</b> 16h45m até 17h30m     | <b>Turma/N.º de alunos:</b> 4.º C / 19 alunos |
| <b>Local da aula:</b> Sala de aula |   |

| <b>Objetivos</b>  |   |
|---|---|
| Perceber as reações das crianças no momento da prática musical.   | X |
| Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização do grupo. | X |

| <b>Organização do grupo</b> |   |              |   |
|-----------------------------|---|--------------|---|
| Individual                  |   | Grande grupo | X |
| Pares                       | X | Outra        |   |

| Descrição da Observação |  |  |
|-------------------------|--|--|
| Tempo                   | Descrição  | Observações  |
| 16:45                   | <p>O professor, após os alunos se encontrarem posicionados nos seus locais, inicia a aula informando que iria começar com uns exercícios com a flauta de bisel.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Vamos tocar várias figuras musicais em cada nota que já aprendemos. Subimos e voltamos a descer, ou seja, tocamos do Dó grave, até ao Dó agudo. Começamos com a mínima, depois quando acabarmos, passamos para a semínima, e no fim a colcheia. Perceberam? Estão com alguma dúvida?</i></p> <p>Os alunos responderam de forma positiva, em como tinham percebido o exercício.</p> <p>Inicia-se o exercício, tocando o professor inicialmente de forma a exemplificar.</p>  | <p>As crianças demonstram bastante entusiasmo e envolvimento na atividade proposta pelo professor.</p>   |
| 16:50                   | <p>De seguida o professor realça a boa prestação da turma e dá continuidade à planificação com a execução peça para flauta, intitulada “Índio”.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Vamos tocar a peça “Índio”, vou colocar o áudio.</i></p> <p>Iniciado o suporte áudio, os alunos começam por executar a peça, mostrando bastante interesse e concentração.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Muito bem, gostei bastante, mas ainda há algumas falhas, mas nada de especial.</i></p> <p>As crianças tomam atenção às indicações do professor, de forma a corrigir alguns erros. Contudo, o professor apercebe-se que uma das crianças sentiu dificuldade e a colega que se encontrava a seu lado, estava a tentar ajudar. O professor volta atrás na informação que já tinha dado, para que essa</p> | <p>Os alunos vão-se preparando e alguns trauteando a melodia da peça, mas estando sempre concentrados. Nos momentos de pausa da peça, os alunos vão fazendo movimentos corporais por iniciativa própria, acompanhando o ritmo da música.</p> <p>A criança demonstra alguma tristeza e desmotivação porque não está a conseguir acompanhar as indicações do</p> |

|  |   |  |
|--|---|--|
| <p>criança se sinta melhor e que consiga acompanhar as restantes.</p> <p>O professor coloca novamente o suporte áudio para se repetir a mesma peça.</p> <p><b>17.07</b> Terminada a peça “Índio”, o professor refere que se vai tocar a outra música, que já tinha sido tocada anteriormente pelas crianças, “Metálico”.</p> <p>O professor coloca o suporte áudio e as crianças, concentradas, iniciam a peça.</p> <p><b>17.12</b> <b>Professor</b> – <i>Muito bem, esta peça já está bem tocada. Agora vamos arrumar as flautas, e vamos passar para as canções da Páscoa.</i></p> <p>O professor coloca o suporte áudio (instrumental) e as crianças começam de imediato a dançar e na grande maioria, é visível a alegria nos seus rostos.</p> <p><b>17.17</b> Acabadas as canções da Páscoa, o professor elogia a prestação dos alunos.</p> <p>De seguida, o professor informa os alunos que vão começar por cantar a banda sonora do genérico do filme de animação “Rua Sésamo” e posteriormente “Abelha Maia”.</p> <p><b>17.20</b> <b>Professor</b> – <i>Olhem, agora para a festa, temos de cantar o refrão de uma canção, “Minha música” de um músico muito conhecido, o José Cid.</i></p> <p>O professor coloca o suporte áudio e a letra no quadro, para as crianças ouvirem, numa primeira fase, mas de imediato, as crianças vão tentando acompanhar e coreografar, imitando os instrumentos que se ouvem no áudio (bateria, guitarra, piano).</p> <p>Terminada a música, as crianças demonstram enorme euforia e entusiasmo.</p> | <p>professor.</p> <p>As crianças começam a conversar, outras a trautear as melodias das canções, demonstrando alegria e entusiasmo.</p> |  |
|--|---|--|

**Anexo IV – Registo de observação n.º 4**

**Registo de observação**

**Observação n.º 4**

|                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <b>Data:</b> 2 de Abril de 2013    | <b>Duração:</b> 45 minutos                   |
| <b>Hora:</b> 16h45m até 17h30m     | <b>Turma/Nº de alunos:</b> 4.º C / 19 alunos |
| <b>Local da aula:</b> Sala de aula |  |

| <b>Objetivos</b>  |   |
|---|---|
| Perceber as reações das crianças no momento da prática musical.   | X |
| Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização do grupo. | X |

| <b>Organização do grupo</b> |   |              |   |
|-----------------------------|---|--------------|---|
| Individual                  |   | Grande grupo | X |
| Pares                       | X | Outra        |   |

| Descrição da Observação |  |  |
|-------------------------|--|--|
| Tempo                   | Descrição  | Observações  |
| 16:50                   | <b>Professor</b> – <i>Esta semana, estamos na semana da leitura, e o tema da escola é “Ler e o Mar”. Por isso, vamos cantar uma canção que se chama “Ler e escrever”. Vamos então ouvir primeiro a canção com atenção, pode ser?</i>   |  |
| 16:55                   | O professor coloca o cd com a canção, para os alunos ouvirem. Ao mesmo tempo, e com a ajuda da letra que se encontra no quadro, as crianças vão tentando cantar.   | As crianças vão fazendo coreografias, demonstrando muito entusiasmo na canção. |
| 16:55                   | <b>Professor</b> – <i>Vamos então ver a estrutura da canção antes de começarmos a cantar. Temos a primeira quadra que rima, depois outra que não rima, de seguida temos um interlúdio e começa novamente do início e repete tudo.</i>  |  |
| 17:05                   | De seguida, o professor coloca novamente o áudio, e pede aos alunos para cantar novamente a canção, com a ajuda da letra. Algumas crianças, mal começa a música, vão baloiçando de um lado para o outro e batendo os pés.<br>Após a entoação da canção, as crianças sugerem, de imediato, ao professor que de seguida cantem sem ter o suporte das vozes no áudio. O professor coloca novamente o áudio em formato instrumental e as crianças sem dificuldades cantam a canção, de forma afinada e com controlo rítmico. |  |
| 17:11                   | Terminada a canção, o professor pede a uma das crianças para proceder à distribuição das flautas para dar continuidade à planificação.<br><br><b>Professor</b> – <i>Agora, vamos relembrar as notas na flauta, vamos fazer um exercício: quatro tempos a cada nota - do Dó grave até ao Dó agudo.</i>  |  |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  | <p>O professor dá início ao exercício. Os alunos mostram-se empenhados na concretização do mesmo.</p> <p>Terminado o exercício anterior, o professor apresenta uma peça para flauta, intitulada “Duetto”.</p> <p><b>17.13</b> <u>Professor</u> – <i>Vamos passar à leitura desta peça, e vamos ler e marcar a pulsação.</i></p> <p>Esta atividade prolongou-se por algum tempo. Passado esse tempo de leitura em grande grupo, o professor pediu para os alunos executarem a peça.</p> <p><b>17.18</b> <u>Professor</u> – <i>Agora, vamos tocar, devagar, para conseguirmos ler em condições a música.</i></p> <p><u>Aluno</u> – <i>É melhor tocar devagar professor, para ficar melhor.</i></p> <p>Antes de se começar a peça, o professor adverte para as crianças não se esquecerem de separar bem as notas, como se estivessem a dizer “tu” para dentro da flauta.</p> <p><b>17.20</b> Deu-se início à peça, estando os alunos bastante concentrados a tocarem as suas partes, sem o apoio do professor.</p> <p><b>17.20</b> De seguida, e após terminada a peça, o professor faz a apreciação em relação à interpretação da turma e refere que a próxima interpretação será só com o apoio do áudio e sem a sua ajuda, mas inicialmente vai-se ler, apenas.</p> <p>Inicia-se a leitura, e audição da mesma.</p> <p><u>Aluno</u> – <i>Professor, isso é muito rápido. Podemos fazer mais devagar?</i></p> <p><u>Professor</u> – <i>Sim claro, vamos fazer mais devagar e depois vamos acelerando. Pode ser?</i></p> |  |
|--|---|--|

|              |  |  |
|--------------|--|--|
| <b>17.30</b> | O professor inicia o estudo da peça, de uma forma lenta, fazendo a repetição da mesma mais do que uma vez.<br>Terminada a aula, os alunos demonstram tristeza, e não foi possível concluir a peça. |  |
|--------------|--|--|

**Anexo V – Registo de observação n.º 5**

**Registo de observação**

**Observação n.º 5**

|                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <b>Data:</b> 5 de Abril de 2013    | <b>Duração:</b> 45 minutos                   |
| <b>Hora:</b> 15h30m até 16h15m     | <b>Turma/Nº de alunos:</b> 4.º C / 19 alunos |
| <b>Local da aula:</b> Sala de aula |  |

| <b>Objetivos</b>  |   |
|---|---|
| Perceber as reações das crianças no momento da prática musical.   | X |
| Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização do grupo. | X |

| <b>Organização do grupo</b> |  |              |   |
|-----------------------------|--|--------------|---|
| Individual                  |  | Grande grupo | X |
| Pares                       |  | Outra        |   |

| Descrição da Observação |   |   |
|-------------------------|---|---|
| Tempo                   | Descrição   | Observações   |
| 15.30                   | <p>O professor iniciou a aula com a revisão da canção aprendida na aula anterior, “Ler e escrever”, referente à semana da leitura.</p> <p>Quando o professor colocou o suporte áudio da canção “Ler e escrever”, as crianças demonstraram de imediato entusiasmo e começaram a coreografar a mesma.</p> <p>Terminada a canção, o professor elogiou a prestação da turma e as crianças de imediato reagiram com alegria através de sorrisos e comentários.</p> <p>O professor salientou aos alunos que, por a presente semana ser a semana da leitura, iria continuar a trabalhar canções relacionadas com a mesma, como forma de articulação com o plano anual de atividades.</p> <p>Assim, o professor introduziu uma nova canção intitulada “Histórias e mais histórias”.</p> | <p>As crianças vão fazendo coreografias, demonstrando muito entusiasmo na canção.</p>   |
| 15.45                   | <p>O professor coloca a letra no quadro e o áudio para os alunos. Numa fase inicial, ouvirem e se familiarizarem com as características da mesma.</p>   | <p>A turma, no geral, demonstra bastante interesse em cantar a canção.</p>  |
| 15.55                   | <p>Finalizada a primeira audição da canção, o professor refere que vai colocar novamente o áudio, mas desta vez para a turma cantar a mesma.</p>  |   |
| 16.00                   | <p>Seguidamente, o professor começa por solicitar a uma das crianças para proceder à entrega das flautas à turma, de forma a dar continuidade à planificação.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Agora, vamos fazer uns ditados na flauta. Eu faço e vocês repetem. Certo?</i></p> <p>Este exercício é repetido diversas vezes, usando diversas notas e variando no ritmo.</p> <p>Após o exercício, o professor refere que, de seguida, irão dar continuidade ao estudo da peça de flauta iniciada anteriormente.</p>   | <p>Nota-se que os alunos gostam bastante de tocar, avaliando o seu comportamento, onde demonstram felicidade quando o professor pediu para distribuírem as flautas.</p> |

|                     |   |  |
|---------------------|---|--|
|                     | <p><b>Aluno</b> – <i>Professor, tenho uma dúvida.</i></p> <p><b>Professor</b> – <i>Onde?</i></p> <p><b>Aluno</b> – <i>No último compasso da última pauta, no lá, dó, si.</i></p> <p><b>Professor</b> – <i>Então vamos fazer devagar. Pode ser? E assim vês melhor essa parte.</i></p>   |  |
| <p><b>16.07</b></p> | <p>E assim deu-se continuidade ao estudo da peça. Desta forma, o professor dividiu a turma em dois grupos, visto que a peça era um Duo. A meio da peça, o professor apercebe-se que uma criança está com dificuldades em acompanhar, e para o áudio. Desta forma, questiona-a, se não precisa de ajuda e se está a conseguir acompanhar. Ela responde que não é fácil e que se perdeu. De imediato, as crianças se auto propõem para a ajudar. Desta forma, o professor acaba por escolher a criança que se encontra mais próximo da mesma de forma a apoiar. Inicia-se novamente a peça com a turma toda, dividida em dois grupos.</p> | <p>As crianças ficam bastante calmas e com imensa atenção ao que o professor sugere.</p> <p>Nota-se que há companheirismo, e que as crianças se tentam apoiar umas às outras quando surgem dificuldades.</p> |
| <p><b>16.10</b></p> | <p>Terminada a 1.<sup>a</sup> parte da peça, o professor sugere a continuidade, passando para a 2.<sup>a</sup> parte.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Vamos agora ler a parte seguinte, e quando soubermos ler, passamos então a tocar.</i></p> <p>Após a leitura os alunos tocam a peça e demonstram euforia pela execução total da mesma.</p>  |  |
| <p><b>16.20</b></p> | <p>O professor informa que irão tocar a peça toda, com acompanhamento do suporte áudio.</p> <p>Os alunos respondem com alegria e demonstram prazer ao interpretar a mesma. Nos momentos de pausa, os alunos dançam e baloiçam de um lado para o outro, ao ritmo da música.</p> <p>Acabada a peça, os alunos começam a conversar sobre a mesma, e fazem-no com bastante entusiasmo e alegria.</p>  | <p>As crianças ficam bastante concentradas e ao longo da peça, nota-se que estão envolvidas na mesma.</p>  |
| <p><b>16.30</b></p> |   |  |

**Anexo VI – Registo de observação n.º 6**

**Registo de observação**

**Observação nº 6**

|                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <b>Data:</b> 9 de Abril de 2013    | <b>Duração:</b> 45 minutos                   |
| <b>Hora:</b> 16h45m até 17h30m     | <b>Turma/Nº de alunos:</b> 4.º C / 19 alunos |
| <b>Local da aula:</b> Sala de aula |  |

| <b>Objetivos</b>  |   |
|---|---|
| Perceber as reações das crianças no momento da prática musical.   | X |
| Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização do grupo. | X |

| <b>Organização do grupo</b> |  |              |   |
|-----------------------------|--|--------------|---|
| Individual                  |  | Grande grupo | X |
| Pares                       |  | Outra        |   |

| Descrição da Observação |   |   |
|-------------------------|---|---|
| Tempo                   | Descrição   | Observações   |
| 16.50                   | O professor inicia a aula com uma informação aos alunos em relação à Audição de Finalistas do presente ano letivo e o tema selecionado para turma.  | As crianças demonstram bastante agitação e curiosidade aquando da resposta do professor.                            |
| 16.55                   | <p>Vamos então iniciar a aula e começamos por fazer uma coisa que já não fazemos há algum tempo. Vamos fazer um ditado rítmico e outro melódico.</p> <p><b>Aluno</b> – <i>Professor, como fazemos um ditado melódico?</i></p> <p><b>Professor</b> – <i>Em vez de escrevermos fora das pautas, como fazemos com os ditados rítmicos, onde só temos o compasso e apenas colocamos as figuras, este vamos escrever na pauta, e temos de associar o ritmo às notas, como fazemos com as músicas que tocamos em flauta.</i></p> <p><i>Então vamos olhar para a pauta, o ditado vai ser só com três notas, o mi. Onde se coloca o mi?</i></p> <p><b>Aluno</b> – <i>Na primeira linha, a contar de baixo para cima.</i></p> <p><b>Professor</b> – <i>Muito bem.</i></p> <p><b>Aluno</b> – <i>Professor e os espaços? Como se contam?</i></p> <p><b>Professor</b> – <i>É igual às linhas, de baixo para cima.</i></p> | Nota-se que os alunos gostam deste tipo de atividades, e que estão bastante empenhados na concretização das mesmas. |
| 17.00                   | <p>Após todas estas questões e respostas às mesmas, o professor inicia o ditado rítmico. Iniciado o mesmo, os alunos demonstram bastante atenção e vão ouvindo cada compasso, o qual o professor repete três vezes antes de passar ao seguinte.</p> <p>Os alunos estão empenhados na concretização do ditado rítmico. A cada compasso, após todos os</p>  | Está bastante silêncio na sala e nota-se um grande envolvimento da parte das crianças.                              |

|                     |   |  |
|---------------------|---|--|
| <p><b>17.10</b></p> | <p>alunos terem escrito nos seus cadernos o que ouviram, os mesmos, em grupo, corrigem oralmente. A determinado momento, uma aluna, no momento da correção, cometeu um erro e os restantes aceitam, não fazem qualquer tipo de comentário e tentam ajudá-la a corrigir.</p> <p><b>Professor</b> – <i>Agora vamos fazer o ditado melódico, vou tocar as notas para relembrar o som delas.</i></p> <p>O professor toca as três notas, o mi, o sol e o dó, de forma a relembrar a altura do som das mesmas. Inicia-se então o ditado, e o mesmo decorre nos mesmos moldes do anterior, só que de forma a facilitar, os alunos apenas têm de pegar o ritmo descoberto no ditado anterior e associar as notas que o professor vai ditando.</p> <p>Os alunos mantêm os mesmos comportamentos e entusiasmo, bem como concentração.</p> <p>Após a conclusão e correção do mesmo, os alunos sugerem se podem tocar, na flauta, a música que escreveram durante. O professor concorda com a ideia, e solicita a distribuição das flautas a um dos alunos.</p> <p>Os alunos interpretam o ditado e ficaram bastante contentes e entusiasmados com o mesmo.</p> | <p>As crianças ficam bastante calmas e com imensa atenção ao que o professor sugere.</p> <p>As crianças ficam bastante concentradas e com atenção, ficando um silêncio imediato na sala.</p> |
|---------------------|---|--|

## Anexo VII – Guião de Entrevista - Professor da AEC

### Guião de Entrevista

Data: \_\_/\_\_/\_\_

**Tema:** A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.

**Objetivo da investigação:** Perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas atividades de enriquecimento curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida.

**Pessoa entrevistada:** Professor de música das Atividades de Enriquecimento Curricular.

| Blocos                                       | Objetivos   | Questões   | Tópicos  |
|--|---|--|--|
| <b>Legitimação da Entrevista</b>             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pedir autorização para a entrevista.</li> <li>• Inteirar o entrevistado da finalidade da entrevista.</li> <li>• Assegurar a confidencialidade de qualquer dado recolhido.</li> </ul> |  | <p>Acolhimento do entrevistado.</p> <p>Propósito da investigação.</p> <p>Garantia da confidencialidade da recolha de informação.</p> |
| <b>Identificação pessoal do entrevistado</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterização do entrevistado (percurso profissional e académico).</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade;</li> <li>• Habilitações académicas;</li> <li>• Tempo de serviço;</li> <li>• Duração semanal do trabalho com a turma;</li> <li>• Há quanto tempo trabalha com a turma.</li> </ul> | <p>Identificação do entrevistado, bem como do seu percurso profissional.</p>   |
| <b>Música no 1.º CEB</b>                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Obter a opinião pessoal do entrevistado, no que diz respeito à implementação da AEC de música nas escolas do 1.º</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• De que forma vê a música (AEC) no 1.º CEB?</li> <li>• As crianças reagem bem a esta AEC?</li> <li>• De que forma trabalha esta AEC com a sua turma?</li> </ul>                          | <p>Opinião em relação à AEC de música e à sua aceitação.</p>   |

|                             | CEB.  |   |  |
|-----------------------------|---|---|--|
| <b>Socialização</b>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a opinião pessoal do entrevistado em relação ao papel da escola e da música na socialização/integração da criança.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acha que a escola é uma forma de integração e socialização da criança? Porquê?</li> <li>• De que forma é que acha que a música pode ajudar nesse papel desempenhado pela escola?</li> <li>• Qual a sua opinião sobre o papel do professor perante esta problemática?</li> <li>• Costuma apelar à ajuda entre as crianças, ou elas próprias tomam essa iniciativa?</li> <li>• Nota algum tipo de discriminação de algumas crianças do grupo em relação a outras? Porquê?</li> </ul> | Preocupação do professor face ao bem estar e integração da criança.      |
| <b>Organização do grupo</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber de que forma o entrevistado trabalha a música (prática instrumental) e a reação das crianças a esta arte.</li> </ul>          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Normalmente, de que forma faz a gestão do grupo quando há prática instrumental?</li> <li>• Por que razão organiza o grupo dessa forma?</li> <li>• Quando estão na prática conjunta, qual o grau de envolvimento das crianças? Justifique.</li> </ul>   | Gestão do grupo durante a prática instrumental.<br>Reações das crianças. |

## Anexo VIII – Guião de Entrevista - Professores do 1.º CEB

### Guião de Entrevista

Data: \_\_/\_\_/\_\_

**Tema:** A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.

**Objetivo da investigação:** Perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas atividades de enriquecimento curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida.

**Pessoa entrevistada:** Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

| Blocos                                       | Objetivos   | Questões   | Tópicos  |
|--|---|--|--|
| <b>Legitimação da Entrevista</b>             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pedir autorização para a entrevista.</li> <li>• Inteirar o entrevistado da finalidade da entrevista.</li> <li>• Assegurar a confidencialidade de qualquer dado recolhido.</li> </ul> |  | <p>Acolhimento do entrevistado.</p> <p>Propósito da investigação.</p> <p>Garantia da confidencialidade da recolha de informação.</p> |
| <b>Identificação pessoal do entrevistado</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterização do entrevistado (percurso profissional e académico).</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade;</li> <li>• Habilitações académicas;</li> <li>• Tempo de serviço;</li> <li>• Ano de escolaridade que leciona;</li> <li>• Duração semanal do trabalho com a turma;</li> <li>• Há quando tempo trabalha com a turma.</li> </ul> | <p>Identificação do entrevistado, bem como do seu percurso profissional.</p>   |
| <b>Música no 1.º CEB</b>                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Obter a opinião pessoal do entrevistado, no que diz respeito à implementação</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual foi a sua opinião quando soube que iam ser implementadas as AEC no 1.º Ciclo do Ensino Básico?</li> <li>• Mudou de opinião com o</li> </ul>  | <p>Opinião em relação à AEC de música e à sua aceitação no momento da sua</p>  |

|                                    |   |  |   |
|------------------------------------|---|--|---|
|                                    | <p>da AEC de música nas escolas do 1.º CEB.</p>   | <p>trabalho que tem sido efetuado?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• De que forma vê a música (AEC) no 1.º CEB?</li> <li>• Considera que a Expressão-Educação Musical enquanto AEC no 1.º Ciclo do Ensino Básico é algo que pode contribuir para o desenvolvimento das crianças? De que forma?</li> <li>• Acha que a AEC de música é uma mais valia para a comunidade escolar? Porquê?</li> <li>• Habitualmente recorre à Expressão Musical nas suas aulas? De que forma?</li> </ul>                                | <p>implementação.</p>   |
| <p><b>A música e a criança</b></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber quais os benefícios que, na opinião do entrevistado, a música pode trazer às crianças.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais os benefícios, que na sua opinião, a música no 1.º CEB pode trazer às crianças?</li> <li>• Considera que houve alguma mudança nas crianças, antes e depois da implementação das AEC? Que tipo de mudanças notou?</li> <li>• A turma na qual leciona demonstra algum tipo de sensações e emoções quando lhes fala da AEC de música? Que tipo de sentimentos demonstram?</li> <li>• Considera a prática instrumental conjunta importante para a criança? De que forma?</li> </ul> | <p>Benefícios da Expressão Musical para as crianças.</p>                  |
| <p><b>Socialização</b></p>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a opinião pessoal do entrevistado em relação ao</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Concorda que a escola é uma forma de integração e socialização da criança? Porquê?</li> </ul>   | <p>Opinião do professor face ao bem estar e integração da criança, em</p> |

|  |  |   |                                 |
|--|--|---|---------------------------------|
|  | <p>papel da escola e da AEC de música na socialização/integração da criança.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• De que forma é que a AEC de música é uma mais valia para a comunidade escolar?</li> <li>• Acha que a prática instrumental conjunta de música pode contribuir para a socialização/integração da criança? De que forma?</li> </ul> | <p>relação à AEC de música.</p> |
|--|--|---|---------------------------------|

## Anexo IX – Guião de Entrevista – Crianças

### Guião de Entrevista

Data: \_\_/\_\_/\_\_

**Tema:** A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.

**Objetivo da investigação:** Perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas atividades de enriquecimento curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida.

**Pessoa entrevistada:** Aluno da turma na qual decorre a investigação.

| Blocos                                       | Objetivos  | Questões   | Tópicos  |
|--|--|--|--|
| <b>Legitimação da Entrevista</b>             | <ul style="list-style-type: none"><li>• Solicitar a disponibilidade e colaboração do entrevistado</li><li>• Assegurar a confidencialidade de qualquer dado recolhido</li><li>• Informar o entrevistado sobre a importância do seu contributo para a realização do estudo</li></ul> | <p>Preciso de saber a tua opinião sobre alguns aspetos por causa de um trabalho que estou a realizar.</p> <p>Para conseguir fazer este trabalho, preciso que me respondas a algumas perguntas.</p>                                       | <p>Colocar o entrevistado à vontade, de forma a proporcionar um clima agradável.</p> |
| <b>Identificação pessoal do entrevistado</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Caracterização do entrevistado</li></ul>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Idade.</li></ul>   | <p>Identificação do entrevistado.</p>  |
| <b>Turma do 1º CEB</b>                       | <ul style="list-style-type: none"><li>• Obter a opinião pessoal do entrevistado em relação à turma na qual se encontra inserido.</li></ul>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Sentes-te bem na turma na qual te encontras inserido?</li><li>• Todos os teus colegas se dão bem na tua turma?</li><li>• Há alguma criança da turma que goste mais de brincar sozinha?</li></ul> | <p>Opinião em relação à turma e a relação entre a mesma.</p>                         |

|                                |   |   |  |
|--------------------------------|---|---|--|
| <p><b>Música no 1º CEB</b></p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Obter a informação em relação à escolha e importância da AEC (música).</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• A escolha desta AEC partiu de ti ou do teu encarregado de educação?</li> <li>• Se fosses tu a fazer essa escolha, também escolherias esta AEC?</li> <li>• Achas que a aula de música é importante? Porquê?</li> <li>• Gostas da aula de música?</li> <li>• Achas que o professor se preocupa para que vocês se sintam bem na aula de música?</li> </ul>  | <p>De que forma é que esta AEC foi escolhida e o gosto do entrevistado pela mesma.</p> |
| <p><b>Socialização</b></p>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a opinião pessoal do entrevistado em relação ao papel da música na socialização e a relação entre a própria turma.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentes-te bem na aula de música? Porquê?</li> <li>• O que sentes?</li> <li>• Sentes-te bem a tocar em grupo, com os colegas de turma? Porquê?</li> <li>• Preferias tocar individualmente?</li> <li>• Sentes algum tipo de dificuldades na aula de música?</li> <li>• Há outros colegas que têm dificuldades?</li> <li>• Habitualmente ajudam-se uns aos outros?</li> <li>• Costumas ser ajudado quando tens alguma dificuldade?</li> </ul> | <p>A criança e o seu bem estar na turma e na AEC de música.</p>                        |

## Anexo X – Pedido de Consentimento Informado aos Encarregados de Educação

### Termo de consentimento informado

*“Será que a prática instrumental em grupo tem influência na socialização/integração da criança?”*

Emanuela da Costa Branquinho, que se encontra a frequentar o curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, na Escola Superior de Educação de Viseu, vem por este meio solicitar a autorização para a participação voluntária do seu filho, no âmbito de um estudo intitulado “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.”

Objetivos do estudo:

- Perceber as reações das crianças no momento da prática musical;
- Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização/integração do grupo;
- Conhecer a opinião dos professores do 1.º CEB em relação à prática musical.

No decorrer do estudo, caso sinta necessidade, conseguirá comunicar com o investigador para esclarecimento de quaisquer dúvidas que possam advir.

A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Toda a informação recolhida será usada exclusivamente na elaboração de um estudo de mestrado, não sendo utilizado qualquer elemento de identificação do seu educando.

Caso autorize a participação do seu educando no presente estudo, agradeço que proceda ao preenchimento da seguinte ficha.

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo  
o meu educando, \_\_\_\_\_ a participar no  
estudo “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da  
criança” a ser realizado no momento em que decorrerão as atividades de  
enriquecimento curricular de música, no \_\_\_\_\_

10/4/2013

(Assinatura)

### Termo de consentimento informado

*“Será que a prática instrumental em grupo tem influência na socialização/integração da criança?”*

Emanuela da Costa Branquinho, que se encontra a frequentar o curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, na Escola Superior de Educação de Viseu, vem por este meio solicitar a autorização para a participação voluntária do seu filho, no âmbito de um estudo intitulado “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.”

Objetivos do estudo:

- Perceber as reações das crianças no momento da prática musical;
- Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização/integração do grupo;
- Conhecer a opinião dos professores do 1.º CEB em relação à prática musical.

No decorrer do estudo, caso sinta necessidade, conseguirá comunicar com o investigador para esclarecimento de quaisquer dúvidas que possam advir.

A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Toda a informação recolhida será usada exclusivamente na elaboração de um estudo de mestrado, não sendo utilizado qualquer elemento de identificação do seu educando.

Caso autorize a participação do seu educando no presente estudo, agradeço que proceda ao preenchimento da seguinte ficha.

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo  
o meu educando, \_\_\_\_\_ a participar no  
estudo “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da  
criança” a ser realizado no momento em que decorrerão as atividades de  
enriquecimento curricular de música, no \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

19/16/2013

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

### Termo de consentimento informado

*“Será que a prática instrumental em grupo tem influência na socialização/integração da criança?”*

Emanuela da Costa Branquinho, que se encontra a frequentar o curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, na Escola Superior de Educação de Viseu, vem por este meio solicitar a autorização para a participação voluntária do seu filho, no âmbito de um estudo intitulado “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.”

Objetivos do estudo:

- Perceber as reações das crianças no momento da prática musical;
- Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização/integração do grupo;
- Conhecer a opinião dos professores do 1.º CEB em relação à prática musical.

No decorrer do estudo, caso sinta necessidade, conseguirá comunicar com o investigador para esclarecimento de quaisquer dúvidas que possam advir.

A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Toda a informação recolhida será usada exclusivamente na elaboração de um estudo de mestrado, não sendo utilizado qualquer elemento de identificação do seu educando.

Caso autorize a participação do seu educando no presente estudo, agradeço que proceda ao preenchimento da seguinte ficha.

Eu, \_\_\_\_\_ autorizo  
o meu educando, \_\_\_\_\_, a participar no  
estudo “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da  
criança” a ser realizado no momento em que decorrerão as atividades de  
enriquecimento curricular de música, no \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
20/4/2013

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

### Termo de consentimento informado

*“Será que a prática instrumental em grupo tem influência na socialização/integração da criança?”*

Emanuela da Costa Branquinho, que se encontra a frequentar o curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, na Escola Superior de Educação de Viseu, vem por este meio solicitar a autorização para a participação voluntária do seu filho, no âmbito de um estudo intitulado “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da criança.”

Objetivos do estudo:

- Perceber as reações das crianças no momento da prática musical;
- Compreender de que forma é que a prática musical conjunta poderá contribuir para a socialização/integração do grupo;
- Conhecer a opinião dos professores do 1.º CEB em relação à prática musical.

No decorrer do estudo, caso sinta necessidade, conseguirá comunicar com o investigador para esclarecimento de quaisquer dúvidas que possam advir.

A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Toda a informação recolhida será usada exclusivamente na elaboração de um estudo de mestrado, não sendo utilizado qualquer elemento de identificação do seu educando.

Caso autorize a participação do seu educando no presente estudo, agradeço que proceda ao preenchimento da seguinte ficha.

-----  
Eu, [redacted] autorizo  
o meu educando, [redacted], a participar no  
estudo “A prática instrumental em grupo como fator de socialização/integração da  
criança” a ser realizado no momento em que decorrerão as atividades de  
enriquecimento curricular de música, no [redacted]

[redacted]

11/4/2013

[redacted]

(Assinatura)

## **Anexo XI – Transcrição de Entrevista - Professor da AEC**

### **Transcrição da Entrevista**

**Data da entrevista:** 19 de abril de 2013

**Entrevistada:** Professor de Música da Atividade Enriquecimento Curricular

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

### **Entrevista**

**Entrevistadora:** Boa tarde! Desde já gostaria de agradecer a disponibilidade para participar na investigação que me encontro a desenvolver, visto que a presente entrevista vai ser fundamental para essa investigação. Com efeito, pretendo esclarecer que qualquer informação que seja partilhada neste momento será confidencial, e apenas para uso particular da investigação. O objetivo principal da investigação é perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida. Contudo, esta entrevista tem como principal objetivo perceber de que forma é que o professor vê a música no primeiro ciclo do ensino básico, bem como a forma de organização e atitudes do grupo aquando da prática instrumental conjunta. Vamos dar então início à entrevista com a identificação pessoal, mais propriamente a idade.

**Entrevistado:** Tenho 30 anos.

Entrevistadora: **As suas habilitações académicas.**

**Entrevistado:** Sou licenciado em Ensino de Física e Química, mas tenho habilitação própria pra Expressão Musical.

Entrevistadora: **Tempo de serviço.**

**Entrevistado:** Tenho cerca de quatro anos.

Entrevistadora: **A duração semanal de trabalho com a turma?**

**Entrevistado:** 3 horas.

Entrevistadora: **Há quanto tempo trabalha com a turma?**

**Entrevistado:** Há três anos.

Entrevistadora: **De que forma é que vê a música no 1.º Ciclo?**

**Entrevistado:** Eu acho que a música é muito positiva no 1.º Ciclo, por desenvolver, não só as capacidades sociais, afetivas, mas também há outra componente que desenvolve muito a nível de conhecimento, a nível de raciocínio, a nível de concentração, que são importantes em todas as áreas. Por isso, é muito, muito útil.

Entrevistadora: **As crianças reagem bem a esta AEC?**

**Entrevistado:** Muito bem, muito bem.

Entrevistadora: **De que forma é que trabalha esta AEC com a turma?**

**Entrevistado:** Há uma parte cantada, uma parte de expressão musical, onde podem tocar desde instrumentos de percussão a flauta de Bisel. Depois há também uma parte dramática, e todos os novos conceitos são, à partida, introduzidos com pequenas histórias de fácil memorização, que normalmente eles recordam com facilidade e que são de fácil aprendizagem.

Entrevistadora: **Acha que a escola é uma forma de integração e socialização da criança?**

**Entrevistado:** Sim, sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistado:** Porque a escola deve ser vista como um meio, ou seja, onde não há diferenças socioeconómicas, onde não há diferenças de cor, deve ser assim encarada.

Entrevistadora: **Acha que isso acontece na realidade da escola?**

**Entrevistado:** Acho que em grande parte sim, embora haja alguns casos que não se consiga atingir a 100%, mas acho que é para aí que caminhamos, e é para aí que estão virados os nossos esforços.

Entrevistadora: **E acha que a música pode ajudar nesse papel desempenhado pela escola?**

**Entrevistado:** Eu acho que a música pode, porque a música é vista como um trabalho de grupo, e logo aí, como trabalho de grupo que é eu acho que pode haver partilha, pode haver entreaajuda, ou seja, muita socialização durante uma aula de música. E isso é muito positivo.

Entrevistadora: **E na sua opinião qual é o papel do professor perante esta problemática?**

**Entrevistado:** O professor é o ator principal, ou seja, ele deve pensar a tarefa, as estratégias, de forma a que um aluno que tenha problemas de socialização, seja valorizado e seja mais integrado.

Entrevistadora: **Costuma apelar à entreadjudada entre as crianças, ou elas próprias tomam essa iniciativa?**

**Entrevistado:** Por norma, elas próprias tomam essa iniciativa. Por vezes, é necessário, em alguns casos onde haja maior isolamento, que seja o professor a iniciar essas atitudes e a incentivar.

Entrevistadora: **Em relação a este grupo, em si, nota algum tipo de discriminação com algumas crianças?**

**Entrevistado:** Há algumas crianças que são um bocadinho mais isoladas do grande grupo, devido tanto a fatores socioeconómicos, como fatores de dificuldade de aprendizagem. Embora na aula de música se tente ultrapassar esses problemas.

Entrevistadora: **Normalmente de que forma é que faz a gestão do grupo aquando da prática instrumental?**

**Entrevistado:** Hum...as estratégias são diversas, mas posso começar com uma simples abordagem do que pretendo que eles faça; depois, peço para repetirem, começando por tarefas mais simples até que consigam desenvolver aquilo a que nos propusemos.

Entrevistadora: **Por que razão organiza o grupo dessa forma?**

**Entrevistado:** Não sei, penso que é a forma mais fácil. Mas é como digo, não há nenhum método que se siga à risca, por vezes até são os alunos que sugerem os métodos que querem usar, e por norma esses métodos que eles querem usar até são bastante mais interessantes e mais atrativos e acabam por dar melhores resultados.

Entrevistadora: **Nota que eles gostam mais de trabalhar em grupo, individualmente, ou a pares?**

**Entrevistado:** Penso que em grupo. Acho que é a forma que eles gostam de trabalhar mais. Trabalho individual, fazemos muito pouco, quase sempre trabalhamos o grupo e evitamos o isolamento de uma única pessoa, de um único menino, para não estar tão evidenciado e tão exposto ao erro.

Entrevistadora: **Quando estão na prática conjunta, qual é o grau de envolvimento das crianças?**

**Entrevistado:** Elas estão sempre muito, muito concentradas e muito espertas para fazer mais e melhor.

Entrevistadora: **E acha que música, ou seja, a prática instrumental pode ser uma forma de ajudar as crianças na integração/socialização?**

**Entrevistado:** Sim, mas com cautela. Eu acho que deve ser vista de uma forma pensada, não devemos querer fazer muito com determinado grupo de crianças que tenha algumas

dificuldades, porque podem acabar por ser ainda mais excluídos, ou seja, devemos pensar a atividade, de forma a integrar essas crianças, a valorizá-las e para melhorar a sua integração.

Entrevistadora: **Muito obrigada pela disponibilidade.**

## **Anexo XII – Transcrição de Entrevista - Professores do 1.º CEB**

### **Transcrição da Entrevista I**

**Data da entrevista:** 15 de abril de 2013

**Entrevistada:** Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

#### **Entrevista**

**Entrevistadora:** Boa tarde! Desde já gostaria de agradecer a disponibilidade para participar na investigação que me encontro a desenvolver, visto que a presente entrevista vai ser fundamental para essa investigação. Com efeito, pretendo esclarecer que qualquer informação que seja partilhada neste momento será confidencial, e apenas para uso particular da investigação. O objetivo principal da investigação é perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida. Contudo, esta entrevista tem como principal objetivo perceber de que forma é que o professor vê a música no primeiro ciclo do ensino básico, bem como a forma de organização e atitudes do grupo aquando da prática instrumental conjunta. Vamos dar então início à entrevista com a identificação pessoal, mais propriamente a idade.

**Entrevistada:** 40

Entrevistadora: **As suas habilitações académicas.**

**Entrevistada:** Sou professora do 1.º Ciclo com Bacharelato, e depois fiz a Licenciatura em Supervisão.

Entrevistadora: **Tempo de serviço.**

**Entrevistada:** O tempo de serviço, 18 anos e meio.

Entrevistadora: **Ano de escolaridade que leciona.**

**Entrevistada:** 2.º ano

Entrevistadora: **Duração semanal do trabalho com a turma.**

**Entrevistada:** É o horário completo.

Entrevistadora: **Há quanto tempo trabalha com a turma?**

**Entrevistada:** É o segundo ano.

Entrevistadora: **Qual é a sua opinião em relação às AEC? Antes de elas serem implementadas como é que viu que isso poderia ajudar, ou não, as crianças?**

**Entrevistada:** Na altura em que elas foram implementadas eu fui uma das pessoas que achava que as crianças iam estar sobrecarregadas com o horário, seriam muitas horas na escola, e que isso não seria uma coisa boa. Entretanto, com o desenrolar das atividades e o passar do tempo acabei por ver que as crianças, gostavam muito das atividades. Portanto, as crianças são sinceras, quando não gostam dizem logo que não gostam. Vi que havia motivação das crianças para as atividades e a potencialidade das disciplinas em si. Portanto, vi aquilo que podiam desenvolver, o que é que podiam ajudar nas crianças.

Entrevistadora: **Ou seja, mudou de opinião...**

**Entrevistada:** Alterei a minha opinião.

Entrevistadora: **E de que forma é que vê a música, em relação à AEC no 1.º Ciclo?**

**Entrevistada:** Pronto, a música é fundamental, para além de funcionar como AEC é parte integrante do nosso currículo. Portanto... e se calhar, não será tão bem desenvolvida pelos profissionais do 1.º Ciclo, porque não têm uma formação específica, embora todos tenham, ou devam ter, pelo menos os que sejam mesmo professores do 1.º Ciclo, alguma formação musical, mas não tão específica, como têm os professores das AEC. Portanto, de certa forma as AEC aqui, vieram colmatar as dificuldades que nós sentíamos, vieram complementar o nosso trabalho.

Entrevistadora: **Considera que a Expressão-Educação Musical enquanto AEC no 1.º Ciclo do Ensino Básico é algo que pode contribuir para o desenvolvimento da criança?**

**Entrevistada:** A vários níveis. Considero que sim e a vários níveis. Enquanto atividade em si pode desenvolver. Por exemplo temos crianças que são muito inibidas numa aula normal e na forma como se relacionam entre elas, e, depois, com a música, com as canções desinibem-se, começam a cantar, e crianças que por vezes têm uma vida triste a nível familiar, etc., e com a música conseguem viver situações de alegria, de felicidade, porque a música inspira muito o desenvolvimento de sentimentos e de emoções.

Entrevistadora: **Em relação à música e à comunidade escolar acha que é uma mais valia?**

**Entrevistada:** A música em relação à comunidade? Penso que sim, se formos pensar no tipo de audições que vocês fazem no final de cada período, acho que sim. Conseguem envolver os pais, conseguem envolver os docentes titulares de turma, os auxiliares, e acho, de facto, que é assim nessas situações em que se consegue ver o excelente trabalho que está feito, e o enorme trabalho que tem sido feito com as crianças. E o desenvolvimento que elas têm tido também.

Entrevistadora: **E, habitualmente, recorre à Expressão-Educação Musical nas suas aulas?**

**Entrevistada:** Sim eu também. Não tanto como deveria, e dentro das minhas próprias limitações tento recorrer. Por um lado tentando cumprir a planificação que fazemos enquanto grupo de trabalho no início do ano letivo. Portanto, tentando cumprir com a nossa planificação. Por outro lado, temos outras expressões como a musical, a dramática; temos a física, a plástica, são muitas expressões, o que acaba por ficar tudo muito diluído. Agora, tento sempre trabalhar essa parte, mas também tento saber mais ou menos o que está a ser feito em termos de AEC para conseguir, de certa forma, também na minha aula, de vez em quando ir ao encontro da mesma.

Entrevistadora: **Quais os benefícios que, na sua opinião, a música no 1.º CEB pode trazer às crianças?**

**Entrevistada:** Eu acho que os benefícios que a música pode trazer às crianças são vários. Pode ser a nível da socialização, a criança poder interagir, socializar. Por outro lado, também pode ser importante em termos da motivação das crianças para determinados temas, pode possibilitar o desinibir da criança, porque há crianças que são muito inibidas, ou porque têm um contexto familiar difícil, ou por qualquer outro motivo, porque há crianças que são muito mais reservadas. Mesmo em termos da língua e do conhecimento da língua também permite o desenvolvimento da Língua Portuguesa, conhecimento de novas palavras, enfim, a música pode servir para tudo, para trabalhar sílabas, pode servir para tudo.

Entrevistadora: **Em relação às crianças, o antes das AEC e o após AEC, houve alguma mudança que tenha notado?**

**Entrevistada:** Acho que houve muitas mudanças. A grande mudança, por exemplo, é vermos agora crianças que já conseguem ler algumas notas na pauta, que não conseguiam, que pegam na flauta e já tocam diversas músicas que não tocavam, crianças que se preocupam agora em cantar dentro do tom e antes não se preocupavam - queriam gritar e não cantar, tanto que acham que, se a sua voz não estivesse a ser muito ouvida, já não estavam a cantar e achavam que isso é que era cantar bem. E agora não. Elas percebem que o cantar é uníssono, todos juntos e a sua voz, no fundo, misturada com a dos colegas. Há muitas vantagens, muitas alterações que se têm visto.

Entrevistadora: **Em relação à turma. Eles demonstram algum tipo de sensações e emoções quando lhes fala da AEC de Música?**

**Entrevistada:** Gostam muito.

Entrevistadora: **Que tipo de sentimentos é que eles demonstram?**

**Entrevistada:** Gostam. Acho que nem lhes passava sequer pela cabeça deixar de ter. Isso vai acontecer. Sabemos que mais tarde em termos curriculares, isso lhes vai acontecer. Mas

eu penso que eles gostam muito, manifestam mesmo alegria tanto verbalmente, quer emotivamente. Eles demonstram isso e alguns deles, para além da AEC, acabaram por descobrir este prazer da música e paralelamente vão, extra escola, também continuar o ensino da música.

Entrevistadora: **Considera a prática instrumental conjunta importante para as crianças?**

**Entrevistada:** Muito importante.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** Pois, justamente como lhe estava a dizer antes. Para já, permite-lhes ter uma vivência que nunca tinham tido. As nossas crianças, visto que estamos a falar de crianças do 2.º ano de escolaridade, antes de virem para a escola primária provavelmente teriam batido palmas, cantado no Jardim, mas pouco mais do que isto. Portanto, agora tomar contacto com um instrumento, ouvir o som que esse instrumento produz, e perceberem o que é a música, o que é que são os ritmos, etc., acho que é muito bom para eles.

Entrevistadora: **E eles tocarem todos juntos?**

**Entrevistada:** Também acho que sim, e torna-os mais unidos, mais grupo. Aquele sentimento de turma.

Entrevistadora: **Partindo agora para a parte da socialização. Concorda que a escola é uma forma de integração e socialização da criança?**

**Entrevistada:** Sim. Não só a escola, mas concordo.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistada:** Ou seja, nós na escola praticamente temos de partilhar tudo. Para já estamos a partilhar um espaço, estamos muitas vezes a partilhar materiais, estamos a partilhar experiências. Grande parte das experiências de aprendizagem são colaborativas, são de grupo, portanto a criança aprende que sozinha não faz nada, mas a criança está sempre a interagir em termos de grupo, e penso que na música também acontece isso.

Entrevistadora: **De que forma é que a AEC de música é uma mais-valia para a comunidade escolar?**

**Entrevistada:** Acho que a AEC é muito importante, uma vez que há uma grande preocupação de vocês saberem sempre qual é a nossa planificação e tentarem aliar a vossa planificação à nossa, de certa forma para trabalharmos em conjunto. Penso que para a escola, por um lado permite-nos não só complementar aquilo que nos falha a nós, portanto aí serve como complemento das aprendizagens da criança, no Estudo do Meio, na Língua Portuguesa, etc., nas várias disciplinas, até na Matemática, porque não! Mas também contribui em termos de socialização e tornar a escola como um todo, porque de facto eu

acho que as expressões estavam um bocadinho postas de lado em relação à Matemática e à Língua Portuguesa, e os professores são muito formatados para Matemática e para a Língua Portuguesa e as disciplinas devem ser trabalhadas no seu conjunto, e umas complementarem as outras.

Entrevistadora: **Em relação à prática instrumental conjunta, considera que esta poderá contribuir para a socialização/integração da criança?**

**Entrevistada:** Eu acho que contribuiu porque, como eu disse anteriormente, pensando em crianças que são menos capazes, ou que estão ainda num estágio de desenvolvimento inferior, vão gradualmente integrando-se no grupo que consegue, no grupo que tem mais facilidades, digamos assim, em termos de aprendizagem, gradualmente vão entrando, vão tocando, no caso da flauta. Começam a tocar nas partes em que eles conseguem e devagarinho vão colmatando as suas dificuldades e vão sentido que “eu também sou capaz”, e por vezes também acontece em crianças que têm dificuldades em determinadas áreas e depois veem na música um escape porque veem que conseguem ter sucesso na música. Às vezes a música acaba por ser uma ajuda para as outras aprendizagens, para a autoestima da criança, sentir que afinal “eu também sou capaz”.

Entrevistadora: **Muito obrigada pela colaboração.**

**Entrevistada:** De nada.

## Transcrição da Entrevista II

**Data da entrevista:** 16 de Abril de 2013

**Entrevistada:** Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

### Entrevista

**Entrevistadora:** Boa tarde! Desde já gostaria de agradecer a disponibilidade para participar na investigação que me encontro a desenvolver, visto que a presente entrevista vai ser fundamental para essa investigação. Com efeito, pretendo esclarecer que qualquer informação que seja partilhada neste momento será confidencial, e apenas para uso particular da investigação. O objetivo principal da investigação é perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida. Contudo, esta entrevista tem como principal objetivo perceber de que forma é que o professor vê a música no primeiro ciclo do ensino básico, bem como a forma de organização e atitudes do grupo aquando da prática instrumental conjunta. Vamos dar então início à entrevista com a identificação pessoal, mais propriamente a idade.

**Entrevistada:** 44

Entrevistadora: **As suas habilitações académicas.**

**Entrevistada:** Licenciatura em 1.º Ciclo.

Entrevistadora: **Tempo de serviço.**

**Entrevistada:** Completo este ano letivo 22 anos.

Entrevistadora: **Ano de escolaridade que leciona.**

**Entrevistada:** 3.º ano

Entrevistadora: **Duração semanal do trabalho com a turma.**

**Entrevistada:** 25 horas.

Entrevistadora: **Há quanto tempo trabalha com a turma?**

**Entrevistada:** É o terceiro ano.

Entrevistadora: **Qual é a sua opinião em relação às AEC? Antes de elas serem implementadas, como é que viu que isso poderia ajudar, ou não, as crianças?**

**Entrevistada:** Achei que seriam umas atividades, tal como o nome indica, enriquecedoras e que contribuem muito para que a criança cresça em todos os aspetos.

Entrevistadora: **Quando as AEC foram implementadas mudou de opinião em relação ao trabalho que tem sido efetuado?**

**Entrevistada:** Não, eu já acharia que seria muito benéfico. O único entrave seria o horário, que poderia interferir nas nossas atividades, ou ser muito exaustivo para as crianças.

Entrevistadora: **E de que forma é que vê a música, em relação à AEC no 1.º Ciclo?**

**Entrevistada:** Acho que é uma atividade muito enriquecedora que contribui muito para ajudar a crescer em todas as outras áreas.

Entrevistadora: **Considera que a Expressão-Educação Musical enquanto AEC no 1.º Ciclo do Ensino Básico é algo que pode contribuir para o desenvolvimento da criança?**

**Entrevistada:** Sim, muito.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** Desenvolve em todas as vertentes, ao nível da motricidade, da linguagem, em tudo.

Entrevistadora: **Em relação à música e à comunidade escolar acha que é uma mais-valia?**

**Entrevistada:** Ah sim, sem dúvida, sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistada:** Porque podemos trabalhar na interdisciplinaridade, entre o professor titular e o professor das AEC, e acho que isso é muito bom, muito enriquecedor.

Entrevistadora: **Habitualmente, recorre à Expressão-Educação Musical nas suas aulas?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** Às vezes, para fazer a ligação com temas que estou a dar, basicamente isso.

Entrevistadora: **Em relação à música e à criança, quais os benefícios que, na sua opinião, a música no 1.º CEB pode trazer às crianças?**

**Entrevistada:** Foi o que já referi anteriormente, não vale a pena repetir.

Entrevistadora: **Em relação às crianças, o antes das AEC e o após AEC, houve alguma mudança que tenha notado?**

**Entrevistada:** Eu acho que sim. O leque de conhecimentos deles alargou, sem dúvida.

Entrevistadora: **Que tipo de mudanças notou?**

**Entrevistada:** É assim, têm um aspeto menos positivo que é o horário, as crianças passaram a ter um horário letivo maior, mas por outro lado foi mais enriquecedor para eles. Porque alargou-lhes muito mais o campo de conhecimentos.

Entrevistadora: **Em relação à turma, eles demonstram algum tipo de sensações e emoções quando lhes fala da AEC de Música?**

**Entrevistada:** Sim, gostam muito, manifestam-se positivamente.

Entrevistadora: **Que tipo de sentimentos é que eles demonstram?**

**Entrevistada:** Satisfação, de partilharem tudo, de transparecerem na própria aula o que têm aprendido na aula de música.

Entrevistadora: **Indo um bocadinho à prática instrumental. Considera a prática instrumental conjunta importante para as crianças?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** Podemos ter pequenos músicos escondidos que depois despertam com estas atividades, não é? Porque sem isso alguns poderiam não ter a possibilidade de ter música.

Entrevistadora: **Concorda que a escola é uma forma de integração e socialização da criança?**

**Entrevistada:** Sim, sem dúvida.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistada:** Por tudo o que já dissemos antes.

Entrevistadora: **De que forma é que a AEC de música é uma mais-valia para a comunidade escolar?**

**Entrevistada:** É uma atividade enriquecedora tal como o próprio nome diz e contribui, sem dúvida, para tudo isso.

Entrevistadora: **Acha que a prática instrumental conjunta de música poderá contribuir para a socialização/integração da criança?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** A prática ajuda a desenvolver tudo. Então, tendo o contato com os instrumentos e todo o material da música, sem dúvida que vai contribuir para que a criança cresça em todas as vertentes.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**

## Transcrição da Entrevista III

**Data da entrevista:** 17 de abril de 2013

**Entrevistada:** Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

### Entrevista

**Entrevistadora:** Boa tarde! Desde já gostaria de agradecer a disponibilidade para participar na investigação que me encontro a desenvolver, visto que a presente entrevista vai ser fundamental para essa investigação. Com efeito, pretendo esclarecer que qualquer informação que seja partilhada neste momento será confidencial, e apenas para uso particular da investigação. O objetivo principal da investigação é perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida. Contudo, esta entrevista tem como principal objetivo perceber de que forma é que o professor vê a música no primeiro ciclo do ensino básico, bem como a forma de organização e atitudes do grupo aquando da prática instrumental conjunta. Vamos dar então início à entrevista com a identificação pessoal, mais propriamente a idade.

**Entrevistada:** 45

Entrevistadora: **As suas habilitações académicas.**

**Entrevistada:** Licenciatura.

Entrevistadora: **Tempo de serviço.**

**Entrevistada:** Cerca de 22, mais ou menos.

Entrevistadora: **Ano de escolaridade que leciona.**

**Entrevistada:** 1.º ano.

Entrevistadora: **Duração semanal do trabalho com a turma.**

**Entrevistada:** É 25 horas.

Entrevistadora: **Há quanto tempo trabalha com a turma?**

**Entrevistada:** Há um ano, desde setembro.

Entrevistadora: **Qual é a sua opinião em relação às AEC? Antes de elas serem implementadas como é que viu que isso poderia ajudar, ou não, as crianças?**

**Entrevistada:** No início não sabíamos o que é que ia ser. Depois de percebermos como trabalham, neste caso aqui, em (...), no Agrupamento de (...), as coisas sempre funcionaram muito bem, achamos sempre que foi, no meu caso achei sempre que foi uma mais-valia para as crianças.

Entrevistadora: **Quando as AEC foram implementadas mudou de opinião em relação ao trabalho que tem sido efetuado?**

**Entrevistada:** Não, porque...no início é aquela surpresa, mas dado que as coisas correram sempre muitíssimo bem, a opinião foi sempre positiva.

Entrevistadora: **E de que forma é que vê a música, em relação à AEC no 1.º Ciclo?**

**Entrevistada:** Muito bem. Acho que foi o que disse há bocado. É uma mais-valia, e a todos os níveis. No ensino da música ainda mais do que , no inglês, por exemplo. Não sei...

Entrevistadora: **Considera que a Expressão-Educação Musical enquanto AEC no 1.º Ciclo do Ensino Básico é algo que pode contribuir para o desenvolvimento da criança?**

**Entrevistada:** De todo, acho que sim.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** A todas, a nível da socialização, a nível de eles se tornarem mais confiantes, a forma como eles se relacionam com os outros, a partilha, o trabalho que vocês têm com eles, acho isso fundamental e é muito bom.

Entrevistadora: **E acha que a AEC de música é uma mais-valia para a comunidade escolar?**

**Entrevistada:** É.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistada:** Porque, por exemplo, há alguns anos atrás, a música no nosso concelho não tinha assim tanta projeção como tem hoje, com conservatório, as filarmónicas e muitas crianças estão a aderir. Desde pequeninas estão a aprender um instrumento, e isso acho que é uma mais-valia.

Entrevistadora: **Habitualmente, recorre à Expressão-Educação Musical nas suas aulas?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** Habitualmente, como nós não temos grande tempo e sabemos que os professores das AEC também trabalham essa parte, mais umas músicas, cantar alguma

canção que tenha a ver com algum tema que esteja a trabalhar, como interligação entre uma área que estamos a trabalhar, Estudo do Meio, Português, mas mais Estudo do Meio.

Entrevistadora: **Em relação à música e à criança, quais os benefícios que, na sua opinião, a música no 1.º CEB pode trazer às crianças?**

**Entrevistada:** Como estávamos a falar há bocado, como é que lhe vou expressar isto em palavras? A parte da atenção, concentração, socialização.

Entrevistadora: **Em relação às crianças, o antes das AEC e o após AEC, houve alguma mudança que tenha notado?**

**Entrevistada:** Vou notando que as crianças falam, da maneira como gostam, da maneira como participam, o que fazem, o *feedback* que me dão é positivo pelo que gostam, participam e pelo que fazem.

Entrevistadora: **Que tipo de mudanças notou?**

**Entrevistada:** Mais concentração, estarem focados naquilo e saberem aquilo que têm para fazer.

Entrevistadora: **Em relação à turma, eles demonstram algum tipo de sensações e emoções quando lhes fala da AEC de Música?**

**Entrevistada:** Gostam, gostam particularmente.

Entrevistadora: **Que tipo de sentimentos é que eles demonstram?**

**Entrevistada:** Principalmente sentimentos no sentido de alegria, satisfação.

Entrevistadora: **Considera que a prática instrumental conjunta é importante para as crianças?**

**Entrevistada:** É.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** O facto de eles estarem num grupo, a tocar uma determinada peça pequenina na flauta, por exemplo, faz com que eles, desenvolvam a concentração, procurando saber se desafinam, se alguma nota está mal tocada. Faz com que eles captem e estejam com atenção a eles e ao grande grupo, em termos de atenção.

Entrevistadora: **Concorda que a escola é uma forma de integração e socialização da criança?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistada:** Uma criança sozinha, que não socialize, que está isolada, não pode ter as mesmas maneiras de estar na vida, e de adquirir determinadas competências que adquire em sociedade.

Entrevistadora: **De que forma é que a AEC de música é uma mais-valia para a comunidade escolar?**

**Entrevistada:** Por exemplo, o facto dos pais também se interessarem, não é? Saberem que as crianças têm...por exemplo aqui, as crianças acabam por fazer os percursos para as filarmónicas, conservatórios e os pais quando vão ver as audições é um interesse muito grande e isso também motiva os pais para...

Entrevistadora: **Acha que a prática instrumental conjunta de música poderá contribuir para a socialização/integração da criança?**

**Entrevistada:** Sim, acho que sim.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**

## Transcrição da Entrevista IV

**Data da entrevista:** 17 de abril de 2013

**Entrevistada:** Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

### Entrevista

**Entrevistadora:** Boa tarde! Desde já gostaria de agradecer a disponibilidade para participar na investigação que me encontro a desenvolver, visto que a presente entrevista vai ser fundamental para essa investigação. Com efeito, pretendo esclarecer que qualquer informação que seja partilhada neste momento será confidencial, e apenas para uso particular da investigação. O objetivo principal da investigação é perceber de que forma é que a prática instrumental conjunta, nas Atividades de Enriquecimento Curricular, pode ou não ser um fator de socialização no meio em que a criança se encontra envolvida. Contudo, esta entrevista tem como principal objetivo perceber de que forma é que o professor vê a música no primeiro ciclo do ensino básico, bem como a forma de organização e atitudes do grupo aquando da prática instrumental conjunta. Vamos dar então início à entrevista com a identificação pessoal, mais propriamente a idade.

**Entrevistada:** 57

Entrevistadora: **As suas habilitações académicas.**

**Entrevistada:** Complemento de formação na parte de Animação Sociocultural, Educação e Desporto.

Entrevistadora: **Tempo de serviço.**

**Entrevistada:** 32 anos de serviço.

Entrevistadora: **Ano de escolaridade que leciona.**

**Entrevistada:** 4.º ano.

Entrevistadora: **Duração semanal do trabalho com a turma.**

**Entrevistada:** cinco horas diárias, 25 horas semanais.

Entrevistadora: **Há quanto tempo trabalha com a turma?**

**Entrevistada:** Há quatro anos, é o 4.º ano.

Entrevistadora: **Qual é a sua opinião em relação às AEC, antes de elas serem implementadas como é que viu que isso poderia ajudar, ou não, as crianças?**

**Entrevistada:** Foi uma opinião pessoal otimista e pensei que seria uma mais-valia para o enriquecimento das crianças, para a cultura deles.

Entrevistadora: **Quando as AEC foram implementadas, mudou de opinião em relação ao trabalho que tem sido efetuado?**

**Entrevistada:** Mudei, sempre para melhor. Sempre, a opinião manteria positiva.

Entrevistadora: **E de que forma é que vê a música, em relação à AEC no 1.º Ciclo?**

**Entrevistada:** Acho que sim, que é boa, embora para crianças por vezes do 1.º e 2.º ano se possa pensar que é uma carga horária mais forte, mas acho que, no molde que está a ser incentivada está a ser bem.

Entrevistadora: **Considera que a Expressão-Educação Musical enquanto AEC no 1.º Ciclo do Ensino Básico é algo que pode contribuir para o desenvolvimento da criança? De que forma?**

**Entrevistada:** Sim, sim. Pronto de que forma...ao nível de desinibir as crianças, conseguem articular e enriquecer o seu vocabulário, mas principalmente a nível de desinibir.

Entrevistadora: **E acha que a AEC de música é uma mais-valia para a comunidade escolar?**

**Entrevistada:** Também.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Entrevistada:** Pronto, aquela articulação que costuma haver das atividades que fazem nos finais do período e não só.

Entrevistadora: **Habitualmente, recorre à Expressão-Educação Musical nas suas aulas? De que forma?**

**Entrevistada:** Muito pouco, porque eu não tenho grande jeito para isso. Mas pronto, às vezes batimentos, rever as canções que são dadas nas aulas de músicas. Muito pontualmente mas faço de vez em quando.

Entrevistadora: **Em relação à música e à criança, quais os benefícios que, na sua opinião, a música no 1.º CEB pode trazer às crianças?**

**Entrevistada:** Voltando ao tema inicial, a desinibição, articularem e conversarem melhor, aplicarem novos vocabulários, e até ao nível da movimentação, motricidade, acho que até os torna mais flexíveis nesse aspeto.

Entrevistadora: **Em relação às crianças, o antes das AEC e o após AEC, houve alguma mudança que tenha notado?**

**Entrevistada:** A nível de libertação das crianças, mais desinibidas, participarem melhor e colaborarem mais noutras atividades e estarem mais recetivas até às próprias atividades culturais que possa haver na localidade ou na região em si.

Entrevistadora: **Em relação à turma, eles demonstram algum tipo de sensações e emoções quando lhes fala da AEC de Música?**

**Entrevistada:** Sim, sim, ficam bastante animados e muito recetivos mesmo.

Entrevistadora: **Que tipo de sentimentos é que eles demonstram?**

**Entrevistada:** Principalmente sentimentos no sentido de alegria, satisfação.

Entrevistadora: **Considera a prática instrumental conjunta é importante para as crianças?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **De que forma?**

**Entrevistada:** A nível de destreza, motricidade, coordenação motora. Saber respeitar, saber trabalhar em grupo e saber ouvir principalmente.

Entrevistadora: **Concorda que a escola é uma forma de integração e socialização da criança?**

**Entrevistada:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê? De que forma?**

**Entrevistada:** De que forma... Portanto, já por si trabalhando em grupo, com crianças até oriundas de várias famílias e havendo troca de ideias entre eles, e as próprias culturas.

Entrevistadora: **De que forma é que a AEC de música é uma mais-valia para a comunidade escolar?**

**Entrevistada:** Havendo a interligação dos pais com a crianças, indo ver as audições que eles fazem, e pronto, até reconhecerem uma atividade que nunca tiveram até à altura e que os filhos estão a ter essa atividade que lhes transmite outros conhecimentos.

Entrevistadora: **Acha que a prática instrumental conjunta de música poderá contribuir para a socialização/integração da criança?**

**Entrevistada:** Também, sim. Agora como... Pronto, a sua integração e socialização serão essenciais porque ajuda-os a orientarem-se pelos outros, por vezes respeitar a parte da criatividade e há uma interajuda entre eles, os elementos do grupo.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**

## **Anexo XIII – Transcrição de Entrevista - Crianças**

### **Transcrição das Entrevistas às Crianças**

#### **Criança I**

**Data da entrevista:** 18 de abril de 2013

**Entrevistada:** Criança 1 (criança sinalizada com Necessidades Educativas Especiais)

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

#### **Entrevista**

**Entrevistadora:** Olá! Como sabes, eu estou a fazer um estudo, e precisava de saber a tua opinião sobre algumas coisas. Para fazer este trabalho, preciso que respondas a algumas perguntas. Pode ser?

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **A tua idade?**

**Criança 1:** 11.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Todos os teus colegas se dão bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim, mais ou menos.

Entrevistadora: **Então porquê, mais ou menos?**

**Criança 1:** Alguns não são amigos e outro são.

Entrevistadora: **Porque é que achas que alguns não são amigos?**

**Criança 1:** Hum. Porque às vezes há lutas e isso.

Entrevistadora: **Há alguma criança da turma que goste mais de brincar sozinha?**

**Criança 1:** (hesitação na respostas) Às vezes gosto de brincar sozinha.

Entrevistadora: **Tu às vezes gostas de brincar sozinha. Porque é que gostas de brincar sozinha?**

**Criança 1:** Falo para mim.

Entrevistadora: **Quando foi a escolha da AEC de música, foste tu que escolheste ou foi a mãe ou o pai?**

**Criança 1:** Eu.

Entrevistadora: **Achas que a aula de música é importante?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê que achas que é importante?**

**Criança 1:** Para aprender.

Entrevistadora: **Gostas da aula de música?**

**Criança 1:** (a criança abana a cabeça de forma positiva).

Entrevistadora: **Achas que o professor se preocupa para que vocês se sintam bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Gosto de cantar.

Entrevistadora: **E o que é que sentes quando estás na aula de música?**

**Criança 1:** Não sei... alegria.

Entrevistadora: **Sentes-te bem quando tocam todos juntos?**

**Criança 1:** Não.

Entrevistadora: **Então porquê?**

**Criança 1:** A tocar flauta não, porque não gosto de tocar.

Entrevistadora: **E porque é que não gostas de tocar?**

**Criança 1:** Não sei.

Entrevistadora: **Achas que é difícil?**

**Criança 1:** Acho.

Entrevistadora: **Gostavas mais de tocar sozinha ou com eles todos?**

**Criança 1:** (um grande espaço de silencia antes da resposta) Sozinha.

Entrevistadora: **Sentes algumas dificuldades na aula de música?**

**Criança 1:** (a criança abana a cabeça afirmando).

Entrevistadora: **Em quê?**

**Criança 1:** Na flauta.

Entrevistadora: **Há outros colegas que também têm dificuldades?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Habitualmente vocês costumam ajudar-se uns aos outros? Sentes que alguns colegas teus, como tens dificuldade na flauta, te tentam ajudar, quando é preciso?**

**Criança 1:** Sim. Mas às vezes faço *playback* porque não sei as notas de cor.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**

## **Criança II**

**Data da entrevista:** 18 de abril de 2013

**Entrevistada:** Criança 2

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

## **Entrevista**

**Entrevistadora:** Olá! Como sabes, eu estou a fazer um estudo, e precisava de saber a tua opinião sobre algumas coisas. Para fazer este trabalho, preciso que respondas a algumas perguntas. Pode ser?

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Para já preciso saber a tua idade.**

**Criança 1:** 9 anos.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Todos os teus colegas se dão bem na tua turma?**

**Criança 1:** Alguns.

Entrevistadora: **Então porquê?**

**Criança 1:** Às vezes lutam uns contra os outros, às vezes.

Entrevistadora: **Há alguma criança da turma que goste mais de brincar sozinha?**

**Criança 1:** Acho que sim. A ... (criança 3) e a ... (criança 1).

Entrevistadora: **Quando foi a escolha da AEC de música, foste tu que escolheste ou foi a mãe ou o pai?**

**Criança 1:** Foi a minha mãe.

Entrevistadora: **Se fosses tu a escolher, escolhias também a aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Achas que a aula de música é importante?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê que achas que é importante?**

**Criança 1:** Para dar alegria às pessoas...assim desse género.

Entrevistadora: **E tu gostas da aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Achas que o professor se preocupa para que vocês se sintam bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Porque ele explica as coisas muito bem, ensina-nos coisas, assim tudo certo.

Entrevistadora: **E o que é que sentes quando estás na aula de música?**

**Criança 1:** Sinto-me bem, sinto-me...criativo, assim coisas assim.

Entrevistadora: **Sentes-te bem quando tocam todos juntos?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Então porquê?**

**Criança 1:** Porque assim ficamos todos felizes porque tocamos em conjunto, tocamos bem.

Entrevistadora: **Gostavas mais de tocar sozinha?**

**Criança 1:** Não.

Entrevistadora: **Sentes algumas dificuldades na aula de música?**

**Criança 1:** Às vezes, assim quando é assim músicas muito complicadas.

Entrevistadora: **Os teus colegas costumam ajudar-te?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Há outros colegas que também têm dificuldades?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Habitualmente vocês costumam ajudar-se uns aos outros?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Quando tens mais dificuldades eles vêm-te ajudar, eles apressam-se logo a ajudar, ou é preciso o professor dizer?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Ou é preciso o professor dizer?**

**Criança 1:** Não.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**

### **Criança III**

**Data da entrevista:** 18 de abril de 2013

**Entrevistada:** Criança 3

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

### **Entrevista**

**Entrevistadora:** Olá! Como sabes, eu estou a fazer um estudo, e precisava de saber a tua opinião sobre algumas coisas. Para fazer este trabalho, preciso que respondas a algumas perguntas. Pode ser?

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Para já preciso saber a tua idade.**

**Criança 1:** 11 anos.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Todos os teus colegas se dão bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim, às vezes com alguns conflitos. Quando andam no futebol e alguém se aleija, um culpa o outro, só às vezes. Mas são todos meus amigos.

Entrevistadora: **Há alguma criança da turma que goste mais de brincar sozinha?**

**Criança 1:** Não.

Entrevistadora: **Quando foi a escolha da AEC de música, foste tu que escolheste ou foi a mãe ou o pai?**

**Criança 1:** A minha mãe perguntou-me se eu queira ir para as aulas de música, e eu disse que sim.

Entrevistadora: **Se fosses tu a escolher, escolhias também a aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Achas que a aula de música é importante?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porque é que achas que é importante?**

**Criança 1:** Porque aprendemos a tocar flauta, algumas canções e fazemos vários exercícios.

Entrevistadora: **E tu gostas da aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Achas que o professor se preocupa para que vocês se sintam bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Porque ao cantar todos juntos, enquanto aprendemos participamos nas festas, nas audições.

Entrevistadora: **E o que é que sentes quando estás na aula de música?**

**Criança 1:** Fico contente por aprender e ver que todos os meus colegas também gostam.

Entrevistadora: **Ficas contente por eles também certo?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Sentes-te bem quando tocam todos juntos?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Porque, alguns colegas que têm dificuldades vão aprendendo com os outros.

Entrevistadora: **Então vocês ajudam-se uns aos outros, é isso?**

**Criança 1:** Sim. Ainda ontem uma colega nos ajudou, porque nós levamos uma coisa para tocar flauta e ela já sabia tudo até ao fim e ajudou-nos a tocar também tudo até ao fim.

Entrevistadora: **Mas ela ajudou porque quis?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Sentes algumas dificuldades na aula de música?**

**Criança 1:** Às vezes, no início quando estamos a aprender alguma música em flauta.

Entrevistadora: **Há outros colegas que também têm dificuldades?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Habitualmente vocês costumam ajudar-se uns aos outros?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Quando tens mais dificuldades eles vêm-te ajudar, eles aprontam-se logo a ajudar, ou é preciso o professor dizer?**

**Criança 1:** Ajudam.

Entrevistadora: **Sentes-te bem então, e achas que a música pode ajudar a que te sintas bem?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**

## Criança IV

**Data da entrevista:** 18 de abril de 2013

**Entrevistada:** Criança 4

**Entrevistadora:** Emanuela da Costa Branquinho

### Entrevista

**Entrevistadora:** Olá! Como sabes, eu estou a fazer um estudo, e precisava de saber a tua opinião sobre algumas coisas. Para fazer este trabalho, preciso que respondas a algumas perguntas. Pode ser?

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Para já, preciso de saber a tua idade.**

**Criança 1:** 9 anos.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Todos os teus colegas se dão bem na tua turma?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Há alguma criança da turma que goste mais de brincar sozinha?**

**Criança 1:** Não sei.

Entrevistadora: **Quando foi a escolha da AEC de música, foste tu que escolheste ou foi a mãe ou o pai?**

**Criança 1:** Não me lembro.

Entrevistadora: **Se fosses tu a escolher, escolhias também a aula de música?**

**Criança 1:** Escolhia.

Entrevistadora: **Achas que a aula de música é importante?**

**Criança 1:** É.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Porque aprendemos a cantar, fazemos festas, aprendemos a tocar flauta, as notas, fazemos várias coisas.

Entrevistadora: **E tu gostas da aula de música?**

**Criança 1:** Gosto.

Entrevistadora: **Achas que o professor se preocupa para que vocês se sintam bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Sentes-te bem na aula de música?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Porque aprendo coisas novas.

Entrevistadora: **E o que é que sentes quando estás na aula de música?**

**Criança 1:** Sinto-me bem. Também sinto alegria e muitas coisas.

Entrevistadora: **Sentes-te bem quando tocam todos juntos?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Porquê?**

**Criança 1:** Porque...

Entrevistadora: **Ou preferes tocar sozinha?**

**Criança 1:** Prefiro que toquemos todos juntos.

Entrevistadora: **E porquê? Porque se ajudam, não se ajudam?**

**Criança 1:** Sim, ajudamo-nos, às vezes.

Entrevistadora: **Sentes algumas dificuldades na aula de música?**

**Criança 1:** Não.

Entrevistadora: **Há outros colegas que também têm dificuldades?**

**Criança 1:** Não sei.

Entrevistadora: **Habitualmente vocês costumam ajudar-se uns aos outros?**

**Criança 1:** Às vezes.

Entrevistadora: **Quando tens mais dificuldades eles vêm-te ajudar, eles apressam-se logo a ajudar, ou é preciso o professor dizer?**

**Criança 1:** Sim, às vezes o professor pergunta se temos dificuldades e eu às vezes digo que sim.

Entrevistadora: **Mas é preciso o professor dizer?**

**Criança 1:** Não, não é preciso dizer.

Entrevistadora: **Os colegas ajudam-te normalmente, é?**

**Criança 1:** Sim. Por exemplo, agora nós estamos a aprender uma música do “Rei Leão” e a criança X está a ajudar-me a aprendê-la.

Entrevistadora: **Mas alguém disse à criança X para te ajudar?**

**Criança 1:** Não.

Entrevistadora: **Ela ajudou porque quis?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Tu também ajudavas se fossem outros meninos que estivessem com dificuldades?**

**Criança 1:** Sim.

Entrevistadora: **Muito obrigada.**